



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO**  
**ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**

**ROBSON CARDOSO VENÂNCIO**

**O ARISTOCRATA CLUBE: RESISTÊNCIA E MOVIMENTAÇÃO DA POPULAÇÃO  
NEGRA NA CIDADE DE SÃO PAULO (1960 - 1970).**

**GUARULHOS, 2022**

VENÂNCIO, Robson Cardoso

O Aristocrata Clube: resistência e movimentação da população negra na cidade de São Paulo (1960 - 1970) / Robson Cardoso Venâncio - 2022.

Dissertação de monografia para obtenção do título de graduação em História - Universidade Federal de São Paulo. Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (EFLCH). Guarulhos, 2022.

1. Aristocrata Clube. 2. Clube negro na cidade de São Paulo. 3. Historiografia no século XX. I Prof. Dr. Mirian Cristina de Moura Garrido. II. O Aristocrata Clube: resistência e movimentação da população negra na cidade de São Paulo (1960 - 1970).

**ROBSON CARDOSO VENÂNCIO**

**O ARISTOCRATA CLUBE:  
Resistência e movimentação da população negra na cidade de São Paulo (1960  
- 1970).**

Trabalho de conclusão de curso  
apresentado como requisito parcial para  
obtenção do título de Licenciado em História.  
Universidade Federal de São Paulo  
Área de concentração: História Social

Orientação da professora Dra. Mirian  
Cristina de Moura Garrido.  
Supervisão de pós doutorado: professora  
Dra. Patrícia Teixeira Santos.

Aprovação: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

---

Prof. Dra. Mirian Cristina de Moura Garrido  
Universidade Federal de São Paulo

---

Prof. Andréia Kelly Marques  
Universidade Federal de São Paulo

---

Prof. Juarez Tadeu de Paula Xavier  
Universidade Estadual Paulista

## **AGRADECIMENTOS**

São muitos! Ao longo desta trajetória na História, coletiva e individual, muitas foram as reflexões que me atravessaram. Agradeço em especial:

À minha família que nunca me deixou faltar...

À minha filha Aisha, que me ensina sobre a imensidão que os livros não abarcam.

À minha companheira Danae, com a qual essa dissertação se tornou mais leve.

A camaradas que me permitem sonhar cotidianamente, dentro da academia, nos espaços de labuta, nas quebradas do mundaréu.

Às entrevistadas(os) que se dispuseram a partilhar suas experiências de vida para fins de estudo e preservação da memória de uma experiência muito rica e que deve ser perpetuada pelas nossas mãos, trocas e ideias.

Aos trabalhadores(as) da Unifesp e às professoras(es) que passaram pela minha formação e, certamente, contribuíram com as reflexões que levo para a vida, assim como para a sala de aula em meus espaços de trabalho. Agradeço em especial à professora Mirian Garrido pelas orientações nesta reta final de minha graduação, assim como à professora Patrícia Teixeira Santos por todo o suporte nas veredas deste caminho acadêmico.

*Olofi criou o mundo. Fez tudo completo. Ele fez a noite e o dia, as coisas bonitas e as coisas feias, fez as coisas boas e as coisas más. E também fez a verdade e a mentira. Ele fez a verdade muito bonita, e a mentira, feia, fraca, como se estivesse doente. Olofi sentiu pena da mentira e deu-lhe um facão. Com o tempo, todos amavam a verdade e desprezavam a mentira.*

*Um dia, verdade e mentira se encontraram e começaram a brigar. A verdade era mais forte que a mentira, mas a mentira tinha um facão. E, quando a verdade não estava olhando, a mentira cortou sua cabeça fora. Então a verdade não tinha olhos, não tinha cabeça. Com suas mãos, procurou encontrar sua cabeça e tocou a cabeça da mentira, e então arrancou fora a cabeça da mentira e colocou em seu próprio pescoço.*

*Desde então, a verdade vem enganando as pessoas: o corpo da verdade com a cabeça da mentira.*

Provérbio Iorubá.

## RESUMO

A presente dissertação irá refletir sobre a história do Aristocrata Clube, associação que foi fundada na década de 1960, na cidade de São Paulo, por uma parcela de negros de classe média. Este grupo encontrou barreiras, criadas pelo racismo, para frequentar determinados espaços da cidade naquele período, mesmo com sua condição financeira. Associação esta que criou um nome internacional entre a burguesia negra, tendo seu auge nos anos 1970, quando construíram seu próprio clube de campo na região do Grajaú, zona sul da capital paulista. Entre as verdades e as mentiras construídas na história, trataremos do histórico deste clube, examinando os espaços geográficos em que ele se inseriu na cidade, dando foco para o distrito do Grajaú: palco dos eventos mais célebres do Clube, com o aporte das fontes selecionadas para este estudo.

Palavras-Chave: Aristocrata Clube; Clube Negro na cidade de São Paulo;

Historiografia no século XX.

## **ABSTRACT**

A present thesis aims to reflect about to history of Aristocrata Clube, association that was founded in the 1960s, in the city of São Paulo, by a portion of middle-class blacks. This group encountered barriers, created by racism, to frequent certain spaces in the city at that time, even with their financial condition. This association created an international name among the black bourgeoisie, having its heyday in the 1970s, when they built their own country club in the region of Grajaú, south of São Paulo. Between the truths and lies built in history, we will deal with the history of this club, examining the geographic spaces in which the stage is inserted in, focus for the most famous district of the City Club, with the contribution of the sources selected for this study.

Keywords: Aristocrat Club; Black club in the city of São Paulo; Historiography in the 20th century.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ARI / AC	Aristocrata Clube
CNCS	Clube Negro de Cultura Social
FNB	Frente Negra Brasileira
MNU	Movimento Negro Unificado
TEN	Teatro Experimental do Negro

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - Festa de debutantes do Aristocrata Clube, sem data.....	31
<b>Figura 2</b> - Baile do Aristocrata Clube, sem data .....	31
<b>Figura 3</b> - Noite de Arte e Baile da Consagração Aristocrata, realizado no Clube Homs, 15.11.1962.....	32
<b>Figura 4</b> - Miss Guanabara (1964) Vera Lúcia, o cantor e sócio fundador do Aristocrata, Agostinho dos Santos, e Raul de Souza, década de 1960.....	34
<b>Figura 5</b> - Agostinho dos Santos, o ex-presidente do Brasil Jânio Quadros e o primeiro presidente do Aristocrata clube, Raul Cruz, sem data.....	35
<b>Figura 6</b> - Aristocrata, “o clube de 'bem” da raça negra, realizado no Clube Rotary, 12.03.1963.....	37
<b>Figura 7</b> - O cantor Wilson Simonal, sócio do Aristocrata Clube, e a cantora norte-americana de jazz, Sarah Vaughan, década de 1960.....	38
<b>Figura 8</b> - Apresentação peça “Drama para negros e prólogos para brancos” de Abdias do Nascimento, para o público do Aristocrata Clube.....	46
<b>Figura 9</b> - Inauguração da Ponte de Interlagos, obra que facilitou o acesso dos sócios do CCSP.....	55
<b>Figura 10</b> - Evento teatral com a peça “Feitiço” e baile de gala no Rotary Clube, 08.03.1963.....	59
<b>Figura 11</b> - Time de futebol do Aristocrata Clube, década de 1970.....	73

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>2. CAPÍTULO 1 - ARISTOCRATA CLUBE: MUITO PRAZER</b>	
<b>3.1</b> Histórico da Associação Aristocrata Clube.....	20
<b>3.2</b> Continuidades e rupturas nas movimentações da negritude.....	32
<b>3. CAPÍTULO 2 - CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICO GEOGRÁFICA DO ARISTOCRATA CLUBE</b>	
<b>4.1</b> Nossos passos vêm de longe.....	40
<b>4.2</b> Formação da zona sul da capital paulista: breve história do Grajaú.....	51
<b>4.3</b> O clube de campo do Aristocrata.....	57
<b>4. CAPÍTULO 3 - ANÁLISE DOS DISCURSOS: INVESTIGANDO MAIS A FUNDO AS ENTREVISTAS</b>	
<b>5.1</b> Entrevistas com participantes dos eventos no Clube de Campo.....	63
<b>5.2</b> Convergências, divergências e análise dos discursos.....	64
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	76
<b>6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	80

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho se trata de uma monografia, requisito para se formar em Licenciatura no curso de História da Universidade Federal de São Paulo.

Com essa escrita traremos reflexões que ainda não foram tão exploradas no meio acadêmico sobre a experiência do Aristocrata Clube (AC), a partir de fontes do período, compreendido no recorte do estudo, e também fontes atuais, que me permitiram compreender as atuações do clube, assim como sua importância dentro do contexto paulistano tanto para a população negra quanto para as demais organizações com um viés progressista.

As reflexões aqui postas são impressões sobre esta vasta história, que não se inicia com o Aristocrata e também não se encerra com ele; certamente elas podem servir de base para que da história do Aristocrata se crie uma memória sobre essa forma de organização, assim como de algumas de suas ideias.

Neste trabalho compreendemos como resistência as medidas antirracistas realizadas pelo Aristocrata Clube em suas práticas, seus feitos ao longo de sua história, tenham sido elas (es) de forma consciente ou não, e que já tinham sido experienciadas por movimentos anteriores pela valorização da estética e cultura negra<sup>1</sup>. E chamo de movimentação as articulações que o mesmo fez, de forma que não ficasse isolado, para seguir pautando as desigualdades raciais inerentes ao estado democrático de direito brasileiro e, com isto, serem mais assertivos no seu combate.

Também podemos compreender o termo movimentação como sendo a continuidade das lutas antirracistas que, num primeiro momento, eram pautadas por ações mais culturais, mas que não deixavam de ter seu cunho político para a população negra da primeira metade do século XX.

---

<sup>1</sup> SOARES, REINALDO DA SILVA “Negros de Classe Média em São Paulo: Estilo de vida e identidade negra”, pg. 193-194. Ver também: DOMINGUES, Petrônio. “Um templo de luz’: a Frente Negra Brasileira (1931-1937) e a questão da educação”. Revista Brasileira de História, vol. 13 - nº 39, set/dez de 2008, pg. 522.

Há um interesse particular em estudar a história do Aristocrata Clube, pelo fato de resquícios dessa história estarem presentes na região em que nasci e cresci, um dos lugares onde o Aristocrata fez sua história: o Grajaú,. Considerado um dos distritos mais populosos da capital paulista, o Grajaú abrigou o clube de campo do Aristocrata ao longo dos anos 60 e 70, em seu auge, e nos anos 80 e 90 em seu declínio, sofrendo tentativas de ocupação do espaço do clube pela população do entorno, o que se consolidou nos anos 90<sup>2</sup>.

A autora Nilma Lino Gomes nos diz que o movimento negro começa a criar um corpo mais sólido a partir da década de 1970, quando começa a analisar o racismo brasileiro e identificar suas especificidades se analisada com o racismo norte americano, por exemplo. Ela nos afirma que “o movimento negro é, portanto, fruto de uma ‘negatividade histórica’”<sup>3</sup>, no sentido de ter que quebrar com a ideia de uma democracia racial construída por teóricos brasileiros e difundida pelo mundo.

Sobre a organização propriamente dita, o Aristocrata foi uma associação que nasceu na década de 1960 com o propósito de unificar entorno de si os negros de classe média da cidade de São Paulo. O clube teve sua sede no centro da capital paulista, assim como um clube de campo na zona sul deste mesmo município, onde desfrutaram de seus anos dourados da organização. Esta unificação se realizou através de festividades organizadas pelo clube, além de intercâmbios com outros clubes do interior paulista e de outras cidades do país que tinham este recorte econômico como um dos pontos essenciais dessas organizações.

O objetivo deste trabalho é resgatar e registrar parte da história da associação Aristocrata Clube, analisando, no corpo do trabalho, alguns pontos: 1) questões intrínsecas à mobilidade econômica efetivada desta parcela da população negra; 2) de que forma isso influenciou nos passos da organização; 3) as ações antirracistas promovidas pelo ARI; 4) os movimentos que contribuíram para tal organização se

---

<sup>2</sup> SOARES, REINALDO DA SILVA “Negros de Classe Média em São Paulo: Estilo de vida e identidade negra”, São Paulo, PPGAS- USP, 2004, pg. 251.

<sup>3</sup> GOMES, Nilma Lino. O Movimento Negro Educador: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis, RJ : Vozes, 2017, pg. 48.

firmar na capital paulista; 5) as barreiras enfrentadas por esta organização de acordo com suas especificidades.

Historicizar o Aristocrata relacionando seus passos com outros movimentos é algo crucial para compreendermos como se deu a formação dessa organização no início da década de 1960.

Falando um pouco sobre as fontes históricas utilizadas nesta dissertação, realizamos uma pesquisa de natureza qualitativa para relacionar os dados obtidos com as reflexões aqui propostas. A técnica de entrevista foi uma das utilizadas para a obtenção desses dados. Entre agosto e novembro de 2021 realizei entrevistas com três pessoas que fizeram parte da história do clube, por morarem no Grajaú naquele período - nenhuma dessas pessoas era sócia do clube -, assim como uma entrevista com a atual presidenta do ARI.

A oralidade enfrentou muitas barreiras para ser considerada como uma fonte passível de ser utilizada em trabalhos acadêmicos; havia um medo de que, com o uso crescente desta fonte, a escrita perdesse espaço dentro das novas gerações<sup>4</sup>. Ao mesmo tempo, elas nos permitem que, a partir das subjetividades, possamos contrastar os eventos já registrados de alguma maneira com este discurso.

Fontes orais não nos contam apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez. Fontes orais podem não adicionar muito ao que sabemos, por exemplo, o custo material de uma greve para os trabalhadores envolvidos; mas contam-nos bastante sobre seus custos psicológicos<sup>5</sup>

Esses agentes que residem no Grajaú são importantes para essa pesquisa justamente para termos contato com histórias que trazem à tona pontos de vista que não seriam possíveis se as entrevistas fossem feitas com sócios de classe média que frequentavam ou frequentam o clube. Essas três pessoas viviam realidades distintas: frequentavam os bailes de gala do ARI, mas também vivenciavam as

---

<sup>4</sup> PORTELLI, A. O que faz a história oral diferente. Projeto História, São Paulo, 14, Fev/1997. Tradução: Maria Thereza Janine Ribeiro. pg. 26.

<sup>5</sup> Idem, pg. 31.

precárias condições de vida/ infraestrutura que se tinha nos bairros da cidade em formação ao longo da década de 1970.

Teremos também como aporte para este trabalho alguns registros fotográficos que selecionei por julgá-los relevantes para as análises que aqui serão feitas. Os registros estão disponíveis no banco de imagens ao final do presente trabalho e foram retirados de uma matéria da Revista Trip (jan/2014), da qual também me utilizo da parte textual como fonte para tratar das questões que atravessam o clube através de um prisma acadêmico/ científico.

Sobre o uso das fotografias como fonte de pesquisa para o historiador, Susan Sontag comenta que tal fonte pode não nos dizer muito se não temos um conhecimento prévio sobre o contexto da qual a mesma foi produzida:

Como Brecht observou, uma fotografia das fábricas Krupp não revela praticamente nada sobre essa organização. Em contraste com a relação amorosa, que é baseada na aparência, a compreensão é baseada no modo como as coisas funcionam. E esse funcionamento ocorre no tempo e nele necessita de ser explicado. Só o narrativo nos pode permitir compreender<sup>6</sup>.

Em paralelo com as entrevistas, serão utilizadas fontes jornalísticas que publicaram notícias sobre o ARI, tanto dos eventos organizados quanto das celebridades que frequentavam tais atividades. O jornal que mais apresenta informações relevantes sobre o clube é o Correio Paulistano, do qual coletei excertos sobre o clube e seus eventos. Tal documentação jornalística data dos primeiros anos do clube (1961 até 1963).

Já sabemos a importância das fontes jornalísticas para a escrita da história; por muito tempo se rejeitou este artefato como uma fonte, mas desde a segunda metade do século XX temos aprofundado mais as reflexões históricas graças à ampliação que deu sobre o conceito de fonte histórica<sup>7</sup>. Sendo esta fonte um documento produzido na época do acontecimento investigado, pode sim o

---

<sup>6</sup> SONTAG, Susan. Ensaio sobre fotografia. "Na caverna de Platão", Lisboa, Dom Quixote, 1986, pg. 32.

<sup>7</sup> LUCA, Tânia Regina de. "Dos, nos e por meio dos periódicos", 2005, pg. 113-114.

historiador(a) se utilizar desses vestígios para sustentar suas hipóteses. Como bem colocado por Maria Capelato:

(...) a imprensa oferece amplas possibilidades para o estudo da história porque nela fica registrada a vida cotidiana de uma sociedade em seus múltiplos aspectos, o que permite ao historiador compreender como viveram os indivíduos de outras épocas, não só os “ilustres”, mas também os sujeitos anônimos.<sup>8</sup>

Devido às restrições ocasionadas pela pandemia do vírus Sars-CoV-2, as pesquisas realizadas para coletar as fontes textuais aqui utilizadas se restringiram às pesquisas de internet. Através do site da Hemeroteca Digital (Biblioteca Nacional Digital Brasil) pude ter acesso a diversos jornais de época, os quais utilizarei para servirem de base para algumas reflexões que aqui trarei. Em resumo, as fontes utilizadas são elas:

- Matérias atuais de revistas/jornais que tratam da história do Aristocrata Clube, como a da *Revista Trip* - setor do grupo UOL -, edição digital jan/2014, que traz diversos elementos que contribuirão muito para se pensar em algumas questões aqui dissertadas;
- O documentário “Aristocrata Clube (27:13)”, lançado em 2004 e dirigido por Jasmin Pinho e Aza Pinho. Disponível na plataforma online Youtube, o qual possui diversas entrevistas com membros do clube e registros de eventos;
- Entrevistas com sujeitos históricos que, de alguma forma, vivenciaram as experiências do clube. A história oral possui grande relevância dentro das análises e contribui no trabalho em conjunto com a documentação textual.

Com o referido corpo documental e as reflexões levantadas pelo corpo bibliográfico temos diversos caminhos para se percorrer, dos quais terei de escolher alguns para aqui desenvolver tal trabalho. Esta dissertação dará visibilidade à

---

<sup>8</sup> CAPELATO, Maria Helena Rolim. “A imprensa como fonte e objeto de estudo para o historiador”. In: VILLAÇA, Mariana Martins e PRADO, Maria Ligia Coelho (Org.). História das Américas: fontes e abordagens historiográficas. São Paulo: Humanitas ; CAPES, 2015, p. 114-136.

experiência do Aristocrata Clube, lançando luz para que olhemos nossas práticas do hoje e o que buscamos para o amanhã a partir das experiências: acertos, erros, passos dados antes de nós.

O fato desta investigação sobre a história do Aristocrata Clube não possuir muitos registros, até mesmo de trabalhos acadêmicos que tenham se debruçado sobre o resgate histórico do clube, nos leva a trabalhar com a pouca documentação histórica que se tem sobre, como é o caso dos jornais.

Ao mesmo tempo, a proximidade histórica que temos com a fundação da associação nos possibilita encontrar pessoas que vivenciaram tais eventos, permitindo que a história oral entre em jogo para trazer olhares e interpretações sobre aquele processo, reviver memórias muito íntimas para serem encontradas nos periódicos. Como nos diz Alessandro Portelli (1997):

Entrevistas sempre revelam eventos desconhecidos ou aspectos desconhecidos de eventos conhecidos: elas sempre lançam nova luz sobre áreas inexploradas da vida diária das classes não hegemônicas (...) Fontes orais contam-nos não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez<sup>9</sup>.

Trabalhar com a perspectiva popular dentro das análises é fundamental para que coloquemos em xeque as visões de mundo e formas de pensar inerentes ao pensamento escravocrata que foi construído com o processo do colonialismo nas Américas. Ao mesmo tempo, temos em mente que a utilização somente das fontes orais é muito limitada, assim como qualquer fonte analisada de forma isolada.

Quanto maior o aporte de fontes históricas e de uma bibliografia que atravesse o tema, mais próximo ficaremos de uma tese de cunho científico, que é justamente a finalidade deste trabalho, comparando as informações que cada fonte traz e confrontando os discursos que permeiam a história.

---

<sup>9</sup> PORTELLI, A. O que faz a história oral diferente. Projeto História, São Paulo, 14, Fev/1997. Tradução: Maria Thereza Janine Ribeiro. pg. 31.

As entrevistas aqui utilizadas foram realizadas entre agosto e novembro de 2021. Todas foram feitas presencialmente, seguindo os protocolos de segurança estabelecidos pelos órgãos de saúde ao longo da pandemia de Sars-CoV-2.

Foi possível entrevistar três personagens (2 mulheres e 1 homem) que participaram das festividades no clube de campo do Aristocrata, mesmo local onde essas pessoas residem até hoje. Tais entrevistas foram realizadas de forma conjunta, onde reuni os entrevistados para uma conversa sobre o ARI.

Também foi possível realizar uma entrevista com a atual presidenta do Aristocrata Clube, Martha de Oliveira Braga, que já está em sua terceira gestão no clube (2013 – 2015, 2016 – 2018 e 2019 - 2021). Martha frequenta o clube desde os seus 15 anos, mas foi em 1978 que se tornou sócia do ARI. No total foram duas entrevistas, com a fala de quatro personagens, que irão me ajudar a refletir sobre a história do clube. Em todas as entrevistas foram adotadas as medidas de segurança para a coleta dos dados.

Algumas questões elaboradas previamente para as entrevistas serviram como base para esta dissertação, outras questões que surgiram ao longo das conversas se mostraram relevantes para esta monografia: Qual tinha sido a relação do entrevistado com o clube, como eram as festividades, se todos podiam entrar ou se havia uma tarifa cobrada na entrada das festas, qual era a relação do Clube com os moradores do Grajaú.

Diferentes perspectivas foram coletadas sobre as mesmas questões, de acordo com a relação da entrevistada(o) com o clube. Por uma escolha pessoal, os nomes aqui utilizados serão fictícios para manter a integridade das entrevistadas e do entrevistado, com exceção de Martha, que consentiu com que sua entrevista fosse utilizada com seu nome. Para identificar as entrevistas com nome fictício, utilizaremos os seguintes nomes: Leonor, Raiza, Genival, acompanhado do ano da entrevista quando for referenciado.

Ao mesmo tempo, analisar a experiência do Aristocrata enquanto um movimento que pautava as questões raciais em plena década de 1960 é algo que não podemos deixar de lado.

Se utilizando de autores que ainda enfrentam resistência diante do universo acadêmico e seu currículo eurocêntrico, com este trabalho vamos pontuar alguns elementos da história do Aristocrata, se juntando com outros trabalhos - acadêmicos ou não - para realizar o resgate da memória de um dos exemplos de movimentação da comunidade negra no século XX na cidade de São Paulo.

No primeiro capítulo trataremos sobre a história do Aristocrata Clube, ressaltando elementos importantes para este resgate como: a organização do clube, os eventos que realizavam, como se mantinham, quais eram as ideias e propostas que tinham os fundadores do clube, assim como algumas das contradições pelas quais o clube se deparou.

Ainda neste primeiro capítulo, abordo as continuidades que temos no Aristocrata com relação aos movimentos culturais e recreativos que o antecederam, que o inspiraram e que não se restringiam a capital paulista; as especificidades do “ARI”, como era carinhosamente chamado pelos sócios do Aristocrata Clube, assim como as rupturas que podemos enxergar ao longo dos processos históricos.

No segundo capítulo vamos historicizar a urbanização da zona sul da capital paulista, um dos espaços que pretendo dialogar pelo fato da associação Aristocrata Clube, fundado no centro da capital paulista, ter tido também um clube de campo localizado nesta mesma região do Grajaú - espaço este que foi o principal local de encontros de membros do clube, justamente pelas oportunidades de lazer que possibilitava aos membros nos finais de semana, entre as décadas de 1970-80.

No terceiro capítulo analisaremos os argumentos das entrevistas, investigando os conteúdos dos relatos de forma crítica, tendo como premissa que toda fala é uma interpretação subjetiva dos acontecimentos, de acordo com as experiências pessoais de cada indivíduo. Traçar paralelos entre os olhares dos

entrevistados é um dos caminhos pelo qual vamos navegar neste capítulo, buscando uma reflexão coletiva e individual dessas memórias.

## Capítulo 1 – ARISTOCRATA CLUBE: MUITO PRAZER

### ***3.1 Histórico da Associação Aristocrata Clube***

A associação Aristocrata Clube foi fundada no centro da cidade de São Paulo no dia 07 de março de 1961, na rua Álvaro de Carvalho, 118. A ideia surgiu de um grupo de homens negros, junto de suas companheiras, que se auto denominavam como uma aristocracia negra. Isto se dava pelo fato de já terem conseguido alcançar um patamar econômico e social que destoava da maior parcela dos negros e negras da época; eram esportistas, músicos, professores, médicos, enfermeiros(as), advogados, políticos, celebridades, etc.

Um leque de profissões que esses personagens ocupavam na sociedade paulista e que, coletivamente, deram os primeiros passos para fundar uma associação com uma grande importância para a organização da população negra daquele período, incluindo suas complexidades nesta trajetória. Os primeiros passos, segundo o relato de Martha de Oliveira, foram dados por cerca de cinquenta membros, para o surgimento da organização.

Entre as atividades realizadas pelos sócios do ARI, tínhamos: festas de debutante para as jovens (entre 15 e 18 anos) de famílias associadas, shows com grandes nomes da música negra do período, peças de teatro, bailes de gala com artistas famosos da época, a exemplo dos cantores Wilson Simonal e Agostinho dos Santos (sendo este último, além de um dos fundadores, um dos diretores mais ativos na organização de eventos do clube), Milton Nascimento, Jair Rodrigues, etc., até atividades poliesportivas no Clube de Campo do AC.

O AC se dividia em dois espaços principais: a minúscula sede no centro da cidade, localizada no bairro da Consolação, e o clube de campo na periferia, este último fundado em 1964 na região do Grajaú, zona sul da cidade de São Paulo. Antes da aquisição e construção de seu patrimônio no Grajaú, o Aristocrata realizava suas atividades em espaços locados, de clubes que eram majoritariamente

brancos e não aceitavam a participação da comunidade negra. Alguns desses clubes aceitavam somente a entrada de pessoas negras numa relação de trabalho.

Surgiu com a ideia de ser uma “associação civil beneficente”, como diz o texto disponível no site do clube<sup>10</sup> na aba “Nossa História”. A ideia desta associação beneficente era construir espaços que lhes fosse possível partilhar momentos coletivos de forma digna, sem que o racismo lhes atravessasse as entranhas e lhes podasse o processo criativo e de socialização, impedindo o acesso à cultura, lazer, às reflexões sobre a situação do negro brasileiro e estrangeiro, além da solidariedade para com aqueles que também eram excluídos perante a sociedade.

Como nos diz Petrônio Domingues:

“Na sua fase inicial, o movimento de negritude tinha um caráter cultural. A proposta era negar a política de assimilação à cultura (conjunto de padrões de comportamento, das crenças, das instituições e dos valores transmitidos coletivamente) europeia. O dilema para os africanos e negros da diáspora, assevera Frantz Fanon, deixou de ser ‘embranquecer ou desaparecer’”<sup>11</sup>.

No documentário do Clube Aristocrata, realizado em 2004 com patrocínio do Itaú Cultural, dirigido por Jasmin Pinho e Aza Pinho, podemos identificar através da fala de um dos fundadores, Adalberto Camargo, que um dos pontos fortes para que aquele grupo viesse a se mobilizar era justamente o fato do racismo impedir que eles participassem dos espaços de clubes como o Hebraica, Pinheiros, Banessa... clubes tradicionais da cidade e frequentados por uma classe média alta da capital.

Até mesmo os clubes ligados aos principais times de futebol da cidade, como São Paulo, Corinthians, Portuguesa e Palmeiras, são citados no documentário como espaços em que a população negra não tinha acesso às áreas de lazer – mesmo já fazendo parte dos clubes enquanto profissionais esportistas.

---

<sup>10</sup> ARISTOCRATA CLUBE. Aristocrata Clube, c2021. Sobre nós, Nossa História. Disponível em: < <http://www.aristocrataclube.com.br/index.php#sobre> >. Acesso: 03 de jul. de 2021.

<sup>11</sup> DOMINGUES, Petrônio “Movimento da Negritude: uma breve reconstrução histórica”. Mediações - Revista de Ciências Sociais, Londrina, v. 10, n. 1, p. 25-40, jan.-jun. 2005, pg. 5.

As primeiras reuniões ocorreram na casa dos sócios do clube, com a ideia de organizar os primeiros detalhes para que a associação pudesse crescer e agregar novos sócios, segundo a atual dirigente do Aristocrata e uma das entrevistadas, Martha de Oliveira.

Neste período, a cidade já estava passando pelo processo de êxodo de populações migrantes de diferentes localidades do país. É válido lembrar que, mesmo diante desta classe média que representava o Aristocrata, a cidade contemplava realidades como a narrada pela autora Carolina de Jesus, em sua obra “Quarto de Despejo”, no qual a autora expõe sua vida em seus diários que compreendem a temporalidade entre 1955-60, período em que os trâmites para a fundação do Clube Aristocrata já estavam em curso, assim como toda a lógica racista à brasileira – com sutilezas escancaradas, sem leis que sustentassem tal discriminação.

Diante deste abismo que existia entre a realidade como a vivida pela(s) Carolina(s) da periferia, e das ações que o Aristocrata Clube organizava e realizava para seus sócios, muitas críticas ao Aristocrata foram feitas por se destacar como uma classe média negra, esse elemento que os diferenciava.

A obra de Carolina de Jesus nos demonstra a síntese dos projetos de Estado tocados pela República para manter a população negra no limbo social: periferias onde a população trabalha de manhã - muitas das vezes em atividades informais - para, talvez, se alimentar de noite; conflitos entre os moradores dos bairros periféricos que emergiram graças às condições materiais e psicológicas daquelas pessoas; locais assolados pela miséria e más condições de higiene e habitação. Que fazia a classe média negra para dialogar com a parcela majoritária da população negra?

Carolina Maria de Jesus nos diz:

(...) Quando o João chegou da escola eu mandei ele [sic] vender os ferros. Recebeu 13 cruzeiros. Comprou um copo de água mineral, 2 cruzeiros. Zanguei com ele. Onde já se viu favelado com esta finezas?

...Os meninos come [sic] muito pão. Eles gostam de pão mole. Mas quando não tem eles comem pão duro.

Duro é o pão que nós comemos. Dura é a cama que dormimos. Dura é a vida do favelado.

Oh! São Paulo rainha que ostenta vaidosa a tua coroa de ouro que são os arranha-céus. Que veste viludo [sic] e seda e calça meias de algodão e que é a favela.

... O dinheiro não deu para comprar carne, eu fiz macarrão com cenoura. Não tinha gordura, ficou horrível. A Vera é a única que reclama e pede mais. E pede:

- Mamãe, vende eu para a Dona Julita, porque lá tem comida gostosa<sup>12</sup>.

O trecho nos mostra um pouco da realidade da população negra na cidade de São Paulo na segunda metade da década de 1950. Tal existência era bem distinta da vivida pela parcela da população negra que pensaram e organizaram o Aristocrata Clube. A luta era contra o racismo sim; mas também contra a fome, contra os resquícios do colonialismo que ainda eram gritantes naquela época.

Ainda falando sobre o início da década de 1960, momento em que o Aristocrata surgia no meio da negritude paulistana, a ideia da democracia racial, reproduzida pelos meios de comunicação, além de ter sido um elemento que se prendeu na cultura brasileira por muitos anos. Tal ideia passou a ser questionada pelo meio acadêmico nas décadas de 1950 em diante, com teóricos como Clóvis Moura trazendo novas perspectivas sobre os debates raciais específicos do Brasil.

Uma questão que é válida ressaltar: naquele período, o samba, hoje tido como uma das manifestações culturais do povo brasileiro, ainda era tido como um gênero musical dos que não tinham espaço na sociedade, dos negros que não tinham o glamour que o ARI tanto se orgulhava.

Identificamos esse argumento em uma das falas no documentário de Jasmin Pinho (2004): “O Aristocrata veio com uma proposta (...) no final da década de 1950

---

<sup>12</sup> DE JESUS, Maria Carolina. Quarto de despejo - Diário de uma favelada. série Sinal Aberto, 2001, pg. 37.

(...) de classe média negra; quer dizer, negros de nível... não como esses... não eram sambistas, eram pessoas que já tinham emprego”<sup>13</sup>.

Vemos que a necessidade do Aristocrata de se destacar/ diferenciar diante da cultura negra que se formava nas periferias do país era uma ação que trazia consequências para o clube. A ideia de branqueamento da população se deu não apenas no campo da cor, mas também nas ideias.

Ao mesmo tempo, uma das entrevistadas, Leonor, trabalhou doze anos no ARI. Ela traz outra fala que nos permite pensar nessa questão por outros pontos de vista:

O pessoal que mais curtia o ARI era o pessoal da “Camisa Verde e Branco” e o pessoal da “Vai-Vai”<sup>14</sup>. Camisa Verde e Branco a maioria é do Camisa. Mas eles também tinham uma simpatia com o Vai-Vai. (...) Sempre teve. Tinha... eram rivais, somos rivais na avenida. Mas fora daqui era todo mundo junto. Então aqui, quando se juntavam, era uma coisa só<sup>15</sup>.

As falas tratam de momentos distintos da história do Clube e, inclusive, da história do Samba. Tal gênero musical, com o passar do tempo, passou a ter mais aceitação - isso a partir da década de 1970 -, até virar patrimônio imaterial da cultura brasileira. Já temos acúmulos de discussões feitas sobre a mercantilização dos grêmios recreativos, tornando-se, a partir de 1968, escolas de samba<sup>16</sup>. Esses elementos nos permitem compreender a aproximação, não só do Aristocrata, mas de muitas figuras com prestígio social, com o Aristocrata.

A fala de Leonor está dialogando com o período em que a mesma teve contato com o Clube, um recorte entre o final da década de 1970 e o começo dos anos 1990. Já a fala de Genésio está dialogando com o final da década de 1950, momento em que os sambistas ainda eram atingidos pelo preconceito aflorado contra a cultura popular.

---

<sup>13</sup> Documentário (2004), tempo 1:30min - 1:56 min.

<sup>14</sup> “Camisa Verde e Branco” e “Vai-Vai” são escolas de samba localizadas na cidade de São Paulo.

<sup>15</sup> Trecho retirado da entrevista com Leonor, 2021, disponível nos anexos.

<sup>16</sup> FERREIRA, Aline Cristina. “Mutações de valores e mercantilização das escolas de samba paulistanas no Capitalismo Contemporâneo”. *Aurora, Marília*, v. 11, nº 1, Jan/ Jun 2018, pg. 104.

Quanto a escolha do nome “Aristocrata” para a criação do clube, um resquício da cultura monárquica e do período colonial, período histórico em que construímos as bases da sociedade brasileira. É válido ressaltar que, em fins do século XIX, uma parcela significativa da população negra apoiava o Império e rechaçava a República. Esta última, inclusive, andava de mãos dadas com as ideias de eugenia criadas no final do século XIX<sup>17</sup>.

Existiu um debate sobre a escolha do nome, nem todos achavam pertinente este termo: “Aristocracia de quê?”, dizia Genésio de Arruda, que também participa do documentário. Alguns chegaram a definir a escolha do nome como pedantismo.

Genésio, sobre o assunto diz:

Esse nome, um nome pomposo, tem a ver com a situação de orfandade que o negro ficou após o 14 de maio de 1888. Então, o que acontece: nós não estamos nada, estamos órfãos! Não temos uma organização, não temos um representante nos grupos políticos, não temos gente, não temos empresário, não temos emprego, não temos autoridades que sejam assimiladas com a gente. Nós estamos órfãos mesmo, somos perseguidos pelo sistema racista, que é muito sofisticado, tinha até dificuldade de achar aonde é que estava o racismo. Então, o negro neste desespero e nesta orfandade ele procura, pelo menos, arrumar títulos e nomes que lhe dessem respeito<sup>18</sup>.

Na década de 1960, José Correia Leite tinha conhecimento sobre a existência do Aristocrata Clube. Em sua entrevista com CUTI, Correia Leite é questionado sobre sua relação com os militantes do movimento negro daquele período. Ele diz:

Só notícia. Algumas vezes fui assistir a lançamentos de livros ou a alguma reunião. (...) O meu convívio foi com os passos do meu passado que atraíam os elementos das gerações mais novas para conversar comigo, para saber de coisas. Mas não tive mais nenhum interesse nem força - devido a idade - para voltar a uma luta. Apareceu um jornal mimeografado chamado Árvore das Palavras. Eu só recebia. Nunca me procuraram, a não ser os Cadernos Negros em que fiz o prefácio do número dois, de contos. (...) Tive conhecimento também da entidade da Dra. Iracema. Eu nunca fui lá. Não fui convidado e não vou de alegre num lugar que não sei se vou ser bem recebido. Ela procura fazer uma entidade meia esnobe, aburguesada (...). Conheço ainda o Clube Aristocrata em que nunca fui. É uma

---

<sup>17</sup> SOARES, REINALDO DA SILVA “Negros de Classe Média em São Paulo: Estilo de vida e identidade negra”, pg. 13.

<sup>18</sup> Documentário (2004), tempo 8:26 min - 9:08 min.

entidade que já o nome me afasta. Nunca fui, apesar de conhecer alguns fundadores<sup>19</sup>.

Correia Leite tinha uma posição bem definida sobre as formas de organização que estabeleciam um melhor diálogo com a população trabalhadora, em específico o a comunidade negra. Tendo participado de movimentos muito importantes para as lutas da comunidade negra, como o Clarim D'Alvorada, a Frente Negra Brasileira (FNB)<sup>20</sup>, o Centro Negro de Cultura Social, entre outros, Correia Leite certamente já havia experienciado as implicações e as eivas de movimentos descolados da base<sup>21</sup>.

Com isto, podemos ver que o termo "Aristocrata" passou por negações e aceitações desde o processo inicial de formação do clube. Tanto servia para evidenciar esta ideia de uma pequena parcela da comunidade negra terem direitos de experimentar o capital econômico e o poder de compra que ele possibilita, mas também trazia este embate de classes com realidade da maior parte da população negra.

Essa valorização dos comportamentos do modo de vida das elites, que detém o capital e usufruem de seu poder de consumo, também carrega consigo suas problemáticas quando reproduzido pela população negra.

Sabemos que, ao longo da história, muitos dos movimentos não nascem da base orgânica e de forma massiva. Muitos dos quais nos beneficiamos hoje pelas suas movimentações anteriores a nós, surgiram de pequenos grupos com acesso a determinadas discussões e reflexões que, muitas vezes, não se disseminam de forma tão natural assim entre a maior parte da população.

---

<sup>19</sup> CUTI (Org). E assim falou o velho militante José Correia Leite: depoimentos e artigos. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 1992, pg. 208-209.

<sup>20</sup> Apesar de ter rompido seus laços com a Frente Negra Brasileira por questões ideológicas divergentes da cúpula da organização, evidenciadas no Estatuto de 04 de Novembro de 1931, José Correia Leite nos afirma que a mesma tinha um diálogo estabelecido com uma parcela das classes pobres, aqueles que faziam o trabalho de base da organização, ainda em seu percurso inicial, evidenciado num discurso mais organizativo, no Centro Cívico Palmares (CUTI, 1992, pg. 73 – 76 e 93 - 108). Sobre a composição dos membros da FNB, ver: (DOMINGUES, 2008, pg. 520 - 522).

<sup>21</sup> Ler também: DOMINGUES, Petrônio "'Em Defesa da Humanidade': A Associação Cultural do Negro" Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, vol. 61, no 1, 2018, pp. 171 a 211.

Neste sentido, a “pequena burguesia intelectual”<sup>22</sup> teve suas importâncias, assim como suas insuficiências, dentro dos passos que foram dados pela luta do povo negro. Vejo desta forma as contribuições do Aristocrata para com as pautas raciais dentro da cidade de São Paulo.

Os clubes mais tradicionais da cidade tinham ações de cunho assistencialista, se utilizando de tais práticas para demonstrar um certo apreço aos mais humildes. Tais atitudes hoje, inclusive, são incentivadas por determinados governos, que dão isenções para as empresas que realizam tais ações. Eles fazem de tudo pelos mais pobres, menos descer de suas costas<sup>23</sup>.

Segundo os depoimentos recolhidos por Eder Sader, haviam “madames” que frequentavam, através do Lions e sua relação próxima com entidades católicas que seguiam a teologia da libertação, o movimento do Clube das Mães, ocorrido no começo dos anos 1970 também no extremo sul da capital<sup>24</sup>.

O Aristocrata tinha relações com tais clubes, não apenas alugando o espaço para realizar suas festividades. Eles também pagavam para os integrantes do Lions darem aulas de etiqueta para as jovens negras associadas ao ARI, facilitando, assim, a interlocução desta camada da população negra com a classe média branca.

Em sua obra “Negra nobreza: reis, rainhas e a aristocracia no imaginário negro”, Reinaldo Soares nos abre caminhos para refletir sobre algumas questões inerentes ao clube Aristocrata: “A aquisição de bens materiais, o comportamento puritano, a participação em associações ou clubes como o Aristocrata implicavam a tentativa de romper com o estigma racial do negro na sociedade global”<sup>25</sup>.

---

<sup>22</sup> DOMINGUES, Petrônio. Movimento da Negritude: uma breve reconstrução histórica. página 14.

<sup>23</sup> TOLSTÓI, Liev. "Sombras do paraíso", Editora Record, 1994, pg. 275.

<sup>24</sup> SADER, Eder. Quando novos personagens entram em cena: experiências e lutas dos trabalhadores da grande São Paulo 1970-1980. Paz e Terra, 4ª Edição 2001, pg. 200-202.

<sup>25</sup> SOARES, REINALDO DA SILVA “Negros de Classe Média em São Paulo: Estilo de vida e identidade negra”, pg. 114.

Essa tentativa de valorizar os costumes que diferenciam os negros pobres dos negros classe média foi uma tentativa que se fez presente no Aristocrata, mas a que custo?

Encontramos um verbete definindo o Aristocrata Clube em poucas palavras, em uma das obras de Nei Lopes, onde ele no diz:

Sociedade recreativa fundada na cidade de São Paulo em 6 de março de 1961. Seus associados foram recrutados entre a pequena burguesia negra paulistana, motivo pelo qual foi muitas vezes criticado, como outras sociedades congêneres, por sua orientação supostamente elitista. Entre seus fundadores, contam-se Adalberto Camargo e Theodosina Ribeiro, mais tarde eleitos deputados<sup>26</sup>.

Segundo Martha, uma das entrevistadas, o Aristocrata Clube tinha diversas ações de “assistência e inclusão”<sup>27</sup> nas proximidades do Clube de Campo do Aristocrata, na zona sul da capital paulista. Ao mesmo tempo, uma das entrevistadas diz que passou por situações vexatórias por não ter dinheiro para participar das festas do clube, tendo que passar por debaixo das grades ao fundo do clube para poder participar dos eventos<sup>28</sup>.

Busco, com tal reflexão, evidenciar o fato de que mesmo proporcionando diversas experiências coletivas para a comunidade negra, o Aristocrata teve tais limitações que, ao meu ver, estão atreladas aos fatores econômicos, e, conseqüentemente, culturais do período, em que ainda era muito latente esta necessidade do negro se vincular, de alguma forma, ao branco. Quando se tem poder econômico, se acessa outros referenciais culturais. Naquele período o movimento de negritude ainda não tinha se disseminado como vemos nos dias atuais; essa falta de referências deixava fértil o campo da auto negação, cerne do racismo.

---

<sup>26</sup> LOPES, Nei. Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana. São Paulo : Selo Negro, 2004, pg. 72.

<sup>27</sup> Trecho retirado da entrevista com Martha, 2021, disponível nos anexos.

<sup>28</sup> Trecho retirado da entrevista com Leonor, Raiza e Genival, 2021, disponível nos anexos.

A autora Mirian C. M. Garrido, em seu artigo intitulado “Militantes negros nos EUA e no BR: King J.R., Malcolm X e militantes brasileiros envolvidos na atuação do MNU, relações possíveis (1950-1980)”, publicado nos estudos de Afro-Ásia no ano de 2017, nos demonstra que alguns relatórios do DOPS caracterizavam o MNU como um movimento não subversivo, diferente da conjuntura dos EUA que acompanhava de perto a ação de militantes negros como Luther King Jr. e Malcolm X, interferindo de diversas formas nos processos de articulação da militância desses personagens<sup>29</sup>.

Pensando nesta relação das investigações, se o MNU, um movimento declaradamente político e de combate à lógica de precarização e genocídio do povo preto, não era considerado como subversivo, podemos se utilizar desta lógica para compreender alguns dos motivos pelo qual não se tem notícias de que o Aristocrata Clube tenha sofrido alguma represália do regime militar entre 1964 até o fim da década de 1970.

Ao mesmo tempo, alguns elementos nos dão outra perspectiva sobre a atuação do Aristocrata Clube dentro do Regime militar. Uma entrevista concedida pelo cantor Milton Nascimento, que já participou de alguns eventos do Clube Aristocrata no início de sua carreira. Milton relata que, antes de fazer sucesso dentro do Festival de Música Popular Brasileira, organizado pela TV Record entre os anos de 1965 – 1969, teve a oportunidade de conhecer Agostinho dos Santos, um dos vencedores do Festival e que conheceu Milton nas ruas da capital paulista e, de cara, decidiu chamá-lo para conhecer o Aristocrata Clube e lugares que efervesciam entre a negritude<sup>30</sup>.

Agostinho dos Santos, um dos nomes mais famosos da música brasileira naquele período, era um dos organizadores dos eventos do Aristocrata. Quando o

---

<sup>29</sup> GARRIDO, Mirian. Militantes negros nos Estados Unidos e no Brasil: King J.R., Malcolm X e militantes brasileiros envolvidos na atuação do Movimento Negro Unificado, relações possíveis (1950-1980). Revista Afro-Ásia, 2017 nº 56, pgs. 27-28.

<sup>30</sup> Matéria de título “O negro é lindo”, disponível online na Revista Trip: <https://revistatrip.uol.com.br/trip/negro-e-lindo>.

assunto era música, o mesmo se encarregava de organizar encontros e eventos do tipo para o público do Aristocrata.

Milton Nascimento diz:

Era um foco de resistência de um jeito que eu jamais tinha imaginado. Já que não era permitido aos pretos o direito de frequentar os clubes da elite branca – a não ser como garçom e faxineiro –, agora tínhamos nosso próprio espaço.

Imagine 2 mil convidados, quase todos pretos, num baile de gala numa região bem localizada de São Paulo. Tenho certeza de que a classe dominante deve ter feito planos para acabar com o Aristocrata, mas eles não contavam que parte dos frequentadores era preta de alta posição social. Foi a nossa revanche<sup>31</sup>.

A fala de Milton nos possibilita visualizar o tamanho dos bailes organizados pelo Aristocrata ao longo de sua trajetória. Eram bailes que contavam com um número generoso da comunidade negra de classe média daquele período, conforme vemos nas imagens a seguir:

---

<sup>31</sup> Matéria de título "O negro é lindo", disponível online na Revista Trip: <https://revistatrip.uol.com.br/trip/negro-e-lindo>.

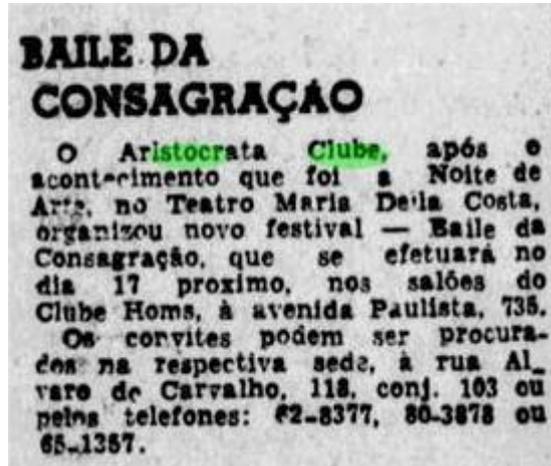
Figura 1 - Baile do Aristocrata, sem data. Fonte: Catraca Livre SP.



Figura 2 - Festa de debutantes do Aristocrata Clube. Fonte: Catraca Livre SP.



Figura 3 - Excerto de matéria jornalística reportando a ocorrência “Noite de Arte” e Baile da Consagração Aristocrata, realizado no Clube Homs. Fonte: Correio Paulistano\_ 15.11.1962.



Ao longo dos anos 1960, os bailes de gala do Aristocrata eram organizados em sedes de outros clubes, alugadas nos dias dos eventos. Isso se deu até a inauguração do tão esperado clube de campo do Aristocrata, que ao longo da década de 1970, recebeu diversos eventos como bailes, campeonatos de futebol, desfiles na piscina, shows, peças de teatro, entre outras atividades.

### **3.2 Continuidades e rupturas nas movimentações da negritude**

Os caminhos percorridos pelo Aristocrata já haviam sido abertos por outros movimentos anteriores à década de 1960, quando nasceu a organização do Aristocrata. Temos relatos de clubes do tipo em diversos estados do Brasil, desde o período posterior à lei áurea em 1889.

Aqui chamo de "movimentações da negritude" as ações tocadas pela comunidade negra para buscar formar sua identidade, ou seja, “de característica humilhante, passava a ter uma conotação positiva”<sup>32</sup>.

<sup>32</sup> DURÃO, Gustavo - “Intelectuais Africanos e Pan-Africanismo: Uma narrativa Pós-Colonial”, pgs.233.

Tais organizações se articulavam através de pautas que envolviam atividades esportivas, tanto no sul do Brasil, quanto em estados como Rio de Janeiro, Bahia, Minas Gerais, São Paulo, entre outros. O historiador Petrônio Domingues nos diz:

No período do pós-Abolição (transição do século XIX para o XX), os negros criaram diversas associações em São Paulo: grêmios recreativos, sociedades cívicas e beneficentes. A maioria delas possuía estatuto e era conduzida por um presidente, auxiliado por uma diretoria escolhida através de eleições. As associações negras mantinham uma ativa vida social, muitas delas se reuniam diariamente. A maioria tinha como eixo central de atuação garantir o lazer de seus afiliados, principalmente por meio dos bailes dançantes. As associações negras cumpriam, fundamentalmente, o papel de produtoras de uma identidade específica, de um “nós”, negros, em oposição a “eles”, brancos<sup>33</sup>.

Em outras palavras, diversas organizações já haviam se agarrado às frentes desportivas e dançantes, pontos esses que também estavam presentes nas pautas do Aristocrata Clube. Segundo a diretora do Aristocrata, Martha, a fundação do clube tinha uma inspiração de um outro clube do Rio de Janeiro, que emergia com as mesmas propostas: ser uma elite entre a população negra. Ela nos diz:

É, essa conexão... E um ano antes, acho que em [19]61, ou [19]59, por aí, tem o Renascença do Rio de Janeiro, um dos grandes espelhos nossos. O Renascença, na época, já tinha... o Rio de Janeiro, na época, já tinha também uma elite [negra], não é?! E teve, era o... eles fundaram o Renascença antes da gente. E nós passamos a ter um convívio com eles muito grande. O seu Raul tinha parentes no Rio, então ele ia muito lá e via como era, trazia as ideias, e nós fazíamos um intercâmbio muito bom com eles ao longo da nossa existência. Nós temos 60 anos, parece que o Renascença, ano passado, fez 70 anos<sup>34</sup>.

Sobre o Clube Renascença, nasceu uma década antes do Aristocrata Clube, em 1951, mas foi somente em 1958 que ele se mudou para sua sede oficial que (r)existe até os dias de hoje, o Andaraí, comunidade da cidade do Rio de Janeiro<sup>35</sup>.

<sup>33</sup> DOMINGUES, Petrônio “Frentenegrinas: notas de um capítulo da participação feminina na história da luta anti-racista no Brasil”. Cadernos Pagu (28), janeiro-junho de 2007:345-374.

<sup>34</sup> Trecho retirado da entrevista com Martha, 2021, disponível nos anexos.

<sup>35</sup> LOPES, Nei. Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana. São Paulo: Selo Negro, 2004, pg. 571. Ver também: Histórico do “Clube Renascença” no site “Rodas de Samba”, que mapeia os sambas cariocas e paulistas, disponível em: <https://rodasdesamba.com.br/item/renascenca/>.

O contato de integrantes do Aristocrata com esses membros do Renascença permitiu um intercâmbio fundamental para a articulação de um clube de classe média na cidade de São Paulo. O Renascença ficou conhecido nacionalmente por participar de concursos de beleza feminina. Uma das vencedoras desses concursos, que ficou internacionalmente conhecida e também participou de festas no ARI foi Vera Lúcia Couto dos Santos, como mostra na imagem a seguir:

Figura 4 - Miss Guanabara (1964) Vera Lúcia e o cantor Agostinho dos Santos, ambos à esquerda. De pé, à direita, o então presidente do Aristocrata, Raul Cruz. Fonte: Revista Trip (UOL), edição digital jan/2014 (disponível em: <https://revistatrip.uol.com.br/trip/negro-e-lindo>).



Com o acúmulo que já se tinha de organizações negras na cidade, uma das rupturas do Aristocrata foi justamente o protagonismo de levantar a bandeira de uma suposta classe média negra.

Na fala de Martha de Oliveira, o senhor Raul aparece como esse embaixador que, não por um acaso, foi o primeiro presidente do Clube, tendo fotos com muitos

nomes de fama que passaram pelos eventos do Aristocrata clube, como é o caso de sua foto com o antigo presidente do Brasil, Jânio Quadros, conforme vemos no seguinte registro:

Figura 5 - Na imagem, ao lado esquerdo da foto, Agostinho dos Santos (o quarto, da esquerda para a direita), Jânio Quadros ao meio e o primeiro presidente do Aristocrata clube, Raul Cruz, à direita do ex-presidente. Fonte: Revista Trip (UOL), edição digital jan/2014 (disponível em: <https://revistatrip.uol.com.br/trip/negro-e-lindo>).



Tal imagem nos permite especular sobre possíveis aproximações do Aristocrata com o governo vigente no período de sua fundação, tendo em mente que Jânio Quadros ficou no poder até agosto de 1961, antes de ser sucedido por João Goulart.

Além de João Goulart, Celso Pitta, o ex prefeito da cidade de São Paulo e membro da organização política Partido Progressista, de Paulo Maluf, na época PPB, também era uma figura política que estabeleceu relações com o Aristocrata Clube em sua passagem pela prefeitura – repleta de escândalos, diga-se de passagem. Leonor nos diz:

O Pitta não saía da sede. Uma porque ele era... foi o primeiro prefeito negro em São Paulo, e aí eles já... o Aristocrata já colou, não é?! Ele é negro, prefeito de São Paulo, pode nos ajudar. Porque eu acho que já tinham alguns problemas aqui, o clube estava com alguns problemas, daí se pensou: "Ah! Ele pode ajudar a gente com negócio de impostos", tudo isso. Mas ele roubou a própria prefeitura...

<sup>36</sup>

Ainda tendo como base a fala de Martha, tal fotografia representa um momento posterior à uma das festas de debutantes que o Aristocrata Clube realizava em seus primeiros anos - antes do Clube de Campo ser uma realidade -, nos salões de clubes tradicionais numa relação comercial, conforme já explicado anteriormente.

De qualquer modo, tais contatos podem ter colaborado ou não para evitar conflitos com o regime ditatorial que se instalou no país em 1964. Sobre tais conflitos entre o regime militar e o Aristocrata, que era uma das questões que surgiu inicialmente para se desenvolver nesta dissertação, não obtive muitos resultados, nem na sede do Aristocrata Clube nos dias de hoje, nem com pessoas que participaram dos eventos naquele período.

Para além das lembranças pessoais das pessoas entrevistadas, a ausência desses apontamentos sobre possíveis conflitos, também nos periódicos, assim como nas produções acadêmicas já existentes que mencionam o clube, me faz concluir que não houve conflitos diretos com o clube no recorte que compreende o golpe militar (1964-1985).

---

<sup>36</sup> Trecho retirado da entrevista com Leonor, 2021, disponível nos anexos.

“Revista Manchete: Este é o mais luxuoso clube negro do Brasil. Com o Aristocrata, a comunidade negra de São Paulo mostra o status que já alcançou”. É assim que se inicia o documentário sobre o ARI (2004), evidenciando a forma como o Aristocrata era visto por determinados setores da sociedade.

Como mostra a imagem abaixo, retirada do Correio Paulistano: “Aristocrata, o clube de 'bem' da raça negra”, realizado no Clube Rotary, o Aristocrata recebia uma certa premiação por parte do editorial do referido veículo jornalístico, justamente pelo que lhe diferenciava: o capital econômico.

Figura 6 - Excerto de matéria jornalística caracterizando o Aristocrata como o clube de 'bem' da raça negra, divulgando evento no Clube Rotary. Fonte: Correio Paulistano\_ 12.03.1963.

**O ARISTOCRATA CLUBE**  
 (o clube "bem" da raça negra em São Paulo) continuará sábado próximo as comemorações do seu 1.º ano de fundação promovendo o "Baile de Aniversário" nos salões do Edifício Rotary (Avenida Higienópolis 996) com animação pelo conjunto "Bossa Nova" do organista Walter Wanderley. Gratos à diretoria do "AC" pelo atencioso ofício-convite e, particularmente, ao secretário geral Decio Mendonça.

Diferente de outros clubes que, muitas vezes, não possuíam recursos para manter uma sede própria, o Aristocrata, por meio de doações realizadas pelos seus sócios, conseguiu comprar tanto a sua sede própria no centro da cidade em 1961, como comprar o terreno para o seu clube de campo em 1964.

Com esta atitude coletiva, além de outras questões de etiqueta e modos refinados, o Aristocrata ganhava fama por entre a comunidade negra que passava por São Paulo. Vemos isso através das imagens que mostram a cantora norte americana de jazz, Sarah Vaughan, além da Miss Guanabara de 1964, em eventos

organizados pelo Aristocrata na cidade de São Paulo, conforme vimos na figura 3 e na fotografia a seguir:

Figura 7 - Na imagem, da direita para a esquerda, o cantor Wilson Simonal e a cantora norte americana de jazz Sarah Vaughan, duas das vozes mais lindas do século XX. Fonte: Revista Trip (UOL), edição digital jan/2014 (disponível em: <https://revistatrip.uol.com.br/trip/negro-e-lindo>).



Outro elemento que é caracterizado como uma ruptura e que está ligado com os passos do Aristocrata Clube numa perspectiva histórica é o enfrentamento ao mito da democracia racial.

Partindo da premissa de que não havia espaço para que os negros, mesmo que com capital econômico, pudessem usufruir do lazer disponível em clubes espalhados pela cidade de São Paulo, sabemos que a democracia racial ficava em xeque, por dois motivos principais: 1) porque negros de classe média não conseguiam acessar os mesmos espaços que os brancos; 2) porque os debates

acadêmicos já começavam a trazer outras perspectivas para a luta antirracista, principalmente a partir da década de 1950.

Com isto, chego à conclusão de que o Aristocrata contribuiu para que a democracia racial fosse desconsiderada dentro das relações que a comunidade negra estabelecia dentro do Brasil. O racismo brasileiro, com seu jeito peculiar de agir, exigiu movimentações específicas para combater esta ideia que tanto escondia os desafios e lutas que a comunidade negra enfrentava em terras brasileiras, assim como tantas outras ideias de cunho racista.

## CAPÍTULO 2 – CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICO-GEOGRÁFICA DO ARISTOCRATA CLUBE

### ***4.1 Nossos passos vêm de longe***

O Brasil foi o último país a se desprender, de forma legal, da lógica escravista no mundo. Ao mesmo tempo, a lógica colonial se perpetua até os dias de hoje, o que reflete a nossa imensa desigualdade racial no território brasileiro<sup>37</sup>.

O século XX viu nascer diversas organizações das camadas mais populares da sociedade brasileira, tendo em vista as políticas do descaso, principalmente com a população negra, pós 1888. Isto fez com que articulações surgissem, num primeiro momento, com associações e movimentos em torno de pautas culturais e poliesportivas, seguidas por um movimento jornalístico - ambos com suas questões políticas, que, neste caso, ficavam em segundo plano<sup>38</sup>.

Ao mesmo tempo, essas organizações não tinham os mesmos ideais entre si. O período que conhecemos como a primeira república do Brasil foi repleto de disputas entre movimentos monarquistas e republicanos, que pautavam as questões raciais por óticas diferentes. Muitas dessas associações tinham ideais monarquistas em suas concepções, e haviam cisões dentro de alguns movimentos por conta desses conflitos ideológicos. O historiador João José Reis, em seu texto “Quilombo e Revoltas Escravas no Brasil”, nos diz:

Durante a conspiração de 1719, em Minas Gerais, apareceram dois reis, um para dirigir os negros Mina, outro os de Angola. A revolta teria abortado por desacordo entre os dois grupos, o que confirma a dificuldade das alianças interétnicas<sup>39</sup>.

---

<sup>37</sup> ANDREWS, George Reid. Negros e brancos em São Paulo (1888-1988). São Paulo: EDUSC, 1998, pg. 21.

<sup>38</sup> DOMINGUES, Petrônio “Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos”, Artigo publicado em 03/2007, pg. 103.

<sup>39</sup> REIS, João José. "Quilombos e revoltas escravas no Brasil". In: Revista USP, São Paulo (28) : 14 - 39, Dez / Fev 95/96, pg. 32.

Durante a graduação em História pude aprender a olhar os processos históricos a partir das análises da “micro” e da “macro” história, como nos demonstra Carlo Ginzburg em sua obra “O queijo e os vermes” (1976), assim como a importância deste movimento para o(a) historiador(a). Com isto, visualizei caminhos para melhor identificar as relações que fizeram parte da consolidação do Aristocrata no início dos anos 1960.

Por “macro”, entendendo as dinâmicas e relações que o país e o mundo passavam naquele período e como isso chegava aos indivíduos, análises mais globais; na “micro” história, pelos feitos escritos nas linhas da história e imortalizados pelos trabalhadores que ocupam as periferias e nelas trazem a marca ancestral da luta por direitos da população negra numa sociedade colonial e racista, ou como diz o historiador Carlo Ginzburg, a micro história nos permite “reconstruir um fragmento do que se costuma denominar 'cultura das classes subalternas’”<sup>40</sup>.

A ideia de branqueamento da sociedade, em fins do século XIX, fez com que a falta de medidas sociais para inserir a população negra na sociedade, se tornasse um projeto político. Este descaso foi visto não apenas na região sudeste do país. Em outros estados tivemos também a criação de organizações que tinham como finalidade firmar a cultura e identidade negra, tendo organizações também no Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Santa Catarina<sup>41</sup>, por exemplo. Este incentivo aconteceu por cerca de trinta anos (1890 - 1920)<sup>42</sup>, resultando em muitas complicações na vida da população negra nas primeiras décadas do governo republicano.

Os reflexos dessas ausências foram para além da falta de emprego: surgimento das favelas e cortiços; a marginalidade que o racismo impunha; leis para proibir a dita vadiagem, sem dar condições da população negra fugir desse estigma;

---

<sup>40</sup> GINZBURG, Carlo. O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo : Companhia das Letras, 2006, pg. 11. **Ver também:** CARDOZO, JOSÉ CARLOS DA SILVA. Reflexões sobre a abordagem macro e micro na História. Mneme – Revista de Humanidades, 11/2010 – ago /dez.

<sup>41</sup> DOMINGUES, Petrônio “Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos”, Artigo publicado em 03/2007, pg. 103-104.

<sup>42</sup> SOARES, REINALDO DA SILVA “Negros de Classe Média em São Paulo: Estilo de vida e identidade negra”, pg. 17.

se fomentou a ocupação da cidade por imigrantes: que fazer diante desta conjuntura? Se organizar! Reinaldo Soares nos diz:

Essa situação gerou uma grande insatisfação na população negra, resultando, no início do século passado, em movimentos sociais que pretendiam a integração do negro a sociedade de classes. Movimentos que incentivaram a luta dos negros por justiça social, iniciando uma verdadeira “transformação cultural” no meio negro<sup>43</sup>.

Outro exemplo de organização são as Irmandades que já existiam desde o século XVII nas regiões norte e nordeste do país e mesmo com o elemento da religião envolvido,” eram protagonistas da própria história”<sup>44</sup> em alguns casos e contextos históricos específicos, afinal de contas as irmandades foram se tornando mais diversas, englobando brancos, mulatos e diferentes nações dos povos africanos

Assim como em São Paulo, tivemos a Igreja do Rosário dos Homens Pretos, uma irmandade que, no período pós-abolição, recebeu ataques de grupos que “visavam combater o curandeirismo e as práticas culturais afro-brasileiras”, além de “deslocar os negros das áreas centrais da cidade de São Paulo”<sup>45</sup>.

Essa ausência de medidas sociais por parte da República tinha ligação também com o medo da “onda negra” que rondava as colônias das Américas, conforme nos demonstra Celia Maria M. de Azevedo (2004). Após a Revolução do Haiti (1792 - 1804), fato que ecoou em todas as colônias do continente Europeu, o medo de insurreições aumentava por parte dos escravocratas, assim como os escravizados vislumbravam de forma mais palpável a possibilidade de liberdade e o método para conquista-la: a luta coletiva para não mais serem escravizados<sup>46</sup>.

---

<sup>43</sup> Idem, pgs. 14 e 15.

<sup>44</sup>SILVEIRA, Renato da. "Sobre o exclusivismo e outros ismos das irmandades negras na Bahia colonial", disponível em: Formas de Crer. Ensaio de história religiosa do mundo luso-afro-brasileiro, séculos XIV - XXI. Salvador - EDUFBA, 2006, pg. 163.

<sup>45</sup> AZEVEDO, Celia M.M.. Onda negra medo branco: o negro no imaginário das elites século XIX. 3ª Edição. São Paulo: Annablume, 2004, pg. 16-17.

<sup>46</sup> Sobre a Revolução do Haiti, ler JAMES, C.L.R. “Os Jacobinos Negros: Toussaint L’Ouverture e a Revolução de São Domingos”; tradução Afonso Teixeira Filho, 1ª ed. - São Paulo : Boitempo, 2010, pg. 15.

Método este já conhecido anteriormente, dentro e fora do território que hoje denominamos Brasil, por experiências de insurreições e a formação de quilombos no período colonial, a especificidade do século XIX foi justamente os elementos que deram base para essas insurreições: a Revolução de Toussaint Louverture, a Revolução Francesa, assim como a Revolução Industrial e sua propaganda da mão de obra assalariada pelo mundo colonial. Como nos diz C.L.R James escrevendo na década de 1930:

Se, em 1788, alguém tivesse contado ao conde de Lauzerne, o ministro (...) que milhares de brutos estúpidos, chicoteados para trabalhar pela manhã e chicoteados, novamente, à noite; que eram submetidos a mutilações, queimaduras (...); se aqueles finos cavalheiros soubessem que, dentro de três anos, os negros iriam quebrar os seus grilhões e enfrentariam o extermínio para não serem agrilhoados novamente, aqueles cavalheiros pensariam que quem dissesse tal coisa estaria louco. Ao passo que, se hoje alguém sugerir a um ponteado branco colonial que, entre os negros que este governa, há homens infinitamente superiores em capacidade, energia, alcance de visão e tenacidade de propósito a ele, e que dentro de cem anos, seus brancos serão lembrados apenas devido ao seu contato com os negros, ter-se-ia do que pensaram os condes, marqueses e outros magnatas coloniais da época sobre Jean François, Toussaint L'Ouverture e Rigaud quando a revolta começou<sup>47</sup>

No século XIX também temos uma certa flexibilização do trabalho escravo em determinadas regiões: no Rio de Janeiro e na Bahia, por exemplo, era possível ver os chamados “escravos de ganho”, escravocratas que permitiam que seus escravizados trabalhassem fora de sua casa, prestando serviços fora e levando uma quantia em dinheiro mensalmente, semanalmente, para ele. Isso possibilitou diversas organizações da população negra, como foi o caso emblemático da Revolta dos Malês, na Bahia, na década de 1830<sup>48</sup>.

Foi o que fizeram diversos movimentos dentro do Estado de São Paulo na primeira metade do século XX, como relata o militante José Correia Leite em seu livro “E assim falou o velho militante José Correia Leite: depoimentos e artigos”:

---

<sup>47</sup> Idem, pg. 340-1.

<sup>48</sup> Sobre o conceito “escravos de ganho”, ler: SANTOS, Ynaê Lopes dos. “Além da senzala – arranjos escravos de moradia no Rio de Janeiro (1808-1850)”, Hucitec FAPESP, 2010.

primeiro em associações e jornais, depois em movimentos mais políticos. O mesmo chegou a participar de bailes de associações negras, organizadas no centro da cidade, mesma região onde Correia Leite residiu na infância<sup>49</sup>.

Tais movimentos atuavam justamente nos setores que o Estado lidava com o descaso, dialogando com a comunidade negra mais humilde, se organizando não com uma proposta revolucionária ou alguma posição mais extrema. Com exceção da FNB, uma organização com diversas ações voltadas para o deleito da comunidade negra, mas que flertava com as ideologias dos regimes totalitários, presentes até mesmo em seu programa do Partido<sup>50</sup>. Apesar dos pesares, a FNB atuou com diversas propostas para o enfrentamento do racismo antes de assumir publicamente seus pensamentos totalitários sobre a sociedade<sup>51</sup>.

Essas organizações, ao se mobilizarem, buscavam possibilidades para debater questões de seu tempo, para praticar esportes, resistir ao racismo estrutural e pensar possibilidades de viver uma vida digna, deixando, assim, de simplesmente sobreviver. Ainda não se tinha uma organização pautada na ascensão econômica da comunidade negra, recorte este que o Aristocrata levou até no nome.

Exemplos como o Clube Negro de Cultura Social (CNCS) (1932), Frente Negra Brasileira (1931), o Centro Cívico Palmares (1926), O Grupo Dramático e Recreativo Kosmos (1908), e os jornais do período que abordavam as questões de raça (O Clarim da Alvorada [1924], A Pátria [1899])<sup>52</sup> são organizações que se propuseram a enfrentar o racismo estrutural do período através da “coletividade negra”<sup>53</sup>.

---

<sup>49</sup> CUTI (Org). E assim falou o velho militante José Correia Leite: depoimentos e artigos. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 1992, pg. 27-29.

<sup>50</sup> SOARES, REINALDO DA SILVA “Negros de Classe Média em São Paulo: Estilo de vida e identidade negra”, pg. 16.

<sup>51</sup> DOMINGUES, Petrônio. “Paladinos da liberdade”. A experiência do clube negro de cultura social em São Paulo (1932-1938). Revista de História 150 (1º - 2004), pg. 61. Ver também: CUTI (Org). E assim falou o velho militante José Correia Leite: depoimentos e artigos. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 1992, pg. 93-96.

<sup>52</sup> DOMINGUES, Petrônio. “PALADINOS DA LIBERDADE: A EXPERIÊNCIA DO CLUBE NEGRO DE CULTURA SOCIAL EM SÃO PAULO (1932-1938)”, pgs. 60-61.

<sup>53</sup> CUTI (Org). E assim falou o velho militante José Correia Leite: depoimentos e artigos. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 1992, pg. 19.

Tais organizações tinham, inclusive, contato com as movimentações e pautas reivindicadas pela negritude fora do país. Alguns desses jornais citados traziam em suas páginas matérias sobre movimentos massivos do exterior organizado pelos negros ao longo da história<sup>54</sup>, que reivindicavam direitos dentro das democracias republicanas – como foi o caso do Harlem Renascense na década de 1920 nos EUA<sup>55</sup>, período em que as leis “Jim Crown” operavam em diversos estados norte-americanos.

Na década de 1940 temos o Teatro Experimental do Negro (TEN) vindo com propostas para o protagonismo da população negra em cima dos palcos, em recusa ao *blackface* e todo o racismo que ditava o que a população negra podia fazer ou não. Abdias do Nascimento em conjunto com Ruth de Souza e outros nomes, em suas ousadas propostas, criaram o TEN. Abdias diz:

Minha ideia de um Teatro Experimental do Negro recebeu as primeiras adesões: o advogado Aguinaldo de Oliveira Camargo, companheiro e amigo desde o Congresso Afro-Campineiro que realizamos juntos em 1938; o pintor Wilson Tibério, há tempos radicado na Europa; Teodorico dos Santos e José Herbel. A estes cinco, se juntaram logo depois Sebastião Rodrigues Alves, militante negro; Arinda Serafim, Ruth de Souza, Marina Gonçalves, empregadas domésticas; o jovem e valoroso Claudiano Filho; Oscar Araújo, José da Silva, Antonieta, Antônio Barbosa, Natalino Dionísio, e tantos outros<sup>56</sup>.

Todo esse leque de movimentos são alguns dos que tive contato dentro de minha trajetória acadêmica e posso afirmar que, em certos pontos, contribuíram de alguma forma na história do Aristocrata Clube. O próprio TEN apresentou peças para o público do Aristocrata em uma das sedes da capital paulista na década de 1960, como nos mostra o excerto do período a seguir:

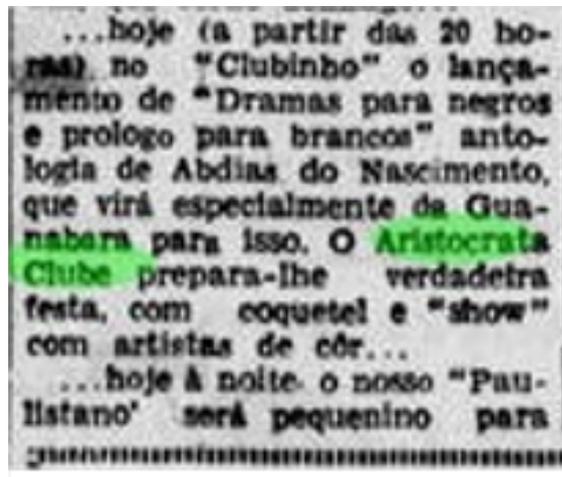
---

<sup>54</sup>Idem, pg. 38-41 e pg. 77-79.

<sup>55</sup>DURÃO, Gustavo - “Intelectuais Africanos e Pan-Africanismo: Uma narrativa Pós-Colonial”, pg. 230.

<sup>56</sup>“Teatro Experimental do Negro: Trajetória e Reflexões”. In: Estudos Avançados 18 (50), 2004, pg. 211.

Figura 8 - Excerto de matéria jornalística apresentação peça 'Drama para negros e prólogos para brancos' de Abdias do Nascimento, para o público do Aristocrata Clube. Fonte: Correio Paulistano\_ 23.11.1961.



Esse intercâmbio de ideias e construções de movimentos que cercam a luta antirracista, das pautas negras por direitos, por lazer e informação, fazem parte da trajetória panafricanista que se espalhou pelos lugares onde o conceito de diáspora se fez presente.

Numa perspectiva panafricanista, a luta do Aristocrata Clube já tinha uma ancestralidade bem definida, lutando por direitos do povo negro dentro de uma sociedade capitalista que se utiliza do racismo e outros preconceitos para hierarquizar a estrutura de nossa sociedade – o que reflete em muitos outros campos da vida cotidiana, como por exemplo o genocídio da população negra e periférica.

Como nos demonstra o autor Gustavo de Andrade Durão, o panafricanismo não é uma corrente com apenas um viés ideológico, se pensarmos nas origens de tal conceito. Tanto Marcus Garvey, quanto W.E.B. DuBois e Edward Blyden tiveram grande importância na elaboração de tais ideias, além de outros pensadores que lhes tomaram como inspiração para seguir as reflexões sobre o conceito.

O ponto onde tais elaborações convergiam era justamente a luta pela população negra dentro da diáspora. Mas, enquanto Garvey propunha um retorno à África para os africanos e seus descendentes em diáspora, Du Bois pensava em

conquistas de direitos para os africanos e seus descendentes dentro do contexto de diáspora<sup>57</sup>.

Em outros termos, esse conceito de panafricanismo não é utilizado aqui para frisar um olhar essencialista desses movimentos, como fazem análises rasas vindas de olhares que condenam, tanto da esquerda quanto da direita; o conceito de panafricanismo será utilizado aqui para realçar essas movimentações da população negra por direitos dentro da sociedade em que vivem após a abolição - uma perspectiva panafricana Duboista e não Garveyista<sup>58</sup>.

Dando continuidade a tal lógica, o Aristocrata Clube buscava ter acesso a tais direitos dentro do contexto racial brasileiro. Neste mesmo Brasil que exportou a ideia de que aqui havia uma democracia racial dentro de sua história republicana - dentro da famosa fórmula de *lei para inglês ver* -, o que perdeu por muitas décadas.

Tais especificidades que fazem desta luta do Aristocrata e de muitos outros movimentos uma busca coletiva para se pensar vias de enfrentamento aos problemas gerados pelo racismo dentro da sociedade brasileira. O antropólogo e professor Kabengele Munanga nos diz:

Mas como este movimento é histórico, ele é ao mesmo tempo dialético, pois a recusa do outro é a afirmação de si. Essa afirmação de si diante da civilização ocidental conduziu esses intelectuais negros vivendo na Europa a tomar consciência de uma civilização africana, apesar das diferenças entre suas diversas heranças sociais

<sup>59</sup>

Tal dialética se dava com a busca pela integração nesta sociedade, negando em parte sua cultura para ressaltar o resgate da cultura afro-brasileira. O autor Reinaldo S. Soares complementa:

Como os movimentos sociais no meio negro objetivavam a sua integração à sociedade de classes, trabalharam no sentido de conseguir uma transformação nos valores e normas, ou seja, uma mudança na forma de pensar e atuar: o negro passa a exigir um

---

<sup>57</sup> DURÃO, Gustavo - "Intelectuais Africanos e Pan-Africanismo: Uma narrativa Pós-Colonial", pg. 226-227.

<sup>58</sup> Idem.

<sup>59</sup> MUNANGA, Kabengele "Pan-africanismo, negritude e teatro experimental do negro", v. 18, nº 1, jun/2016, pg. 116.

tratamento igualitário e a denunciar o preconceito racial. Os negros começaram a se organizar pelos seus interesses, denunciando o racismo e propondo transformações nas relações sociais<sup>60</sup>.

Ainda que tais movimentos tenham suas diferenças ideológicas e temporal, a pauta antirracista perpassa todos os passos dados por essas distintas organizações.

Essa dificuldade de identificar o racismo é uma característica das especificidades do racismo brasileiro, como nos diz José Correia Leite sobre a década de 1920: “O movimento garveysta entre nós ficou restrito, mas serviu para tirar certa dubiedade do que nós estávamos fazendo... Fomos descobrindo a maneira sutil do preconceito brasileiro, de como a gente era discriminado”<sup>61</sup>.

Segundo o sócio fundador Oswaldo de Souza, foram cogitados alguns nomes nos momentos de especulação sobre a fundação do clube: Nigéria Clube, Democrata Clube, até que chegaram em “Aristocrata Clube”, graças ao primeiro presidente do conselho do Aristocrata, Alvim Oliveira Alves<sup>62</sup>.

Segundo o dicionário de política do autor Norberto Bobbio:

A linguagem política é notoriamente ambígua. A maior parte dos termos usados no discurso político tem significados diversos. Esta variedade depende, tanto do fato de muitos termos terem passado por longa série de mutações históricas — alguns termos fundamentais, tais como “democracia”, “aristocracia”, “déspota” e “política”, foram-nos legados por escritores gregos —, como da circunstância de não existir até hoje uma ciência política tão rigorosa que tenha conseguido determinar e impor, de modo unívoco e universalmente aceito, o significado dos termos habitualmente mais utilizados<sup>63</sup>.

O documentário produzido sobre o ARI em 2004 traz algumas discussões sobre como os fundadores da associação Aristocrata pensaram no nome de sua

---

<sup>60</sup> SOARES, REINALDO DA SILVA “Negros de Classe Média em São Paulo: Estilo de vida e identidade negra”, pg. 17.

<sup>61</sup> CUTI (Org). E assim falou o velho militante José Correia Leite: depoimentos e artigos. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 1992, pg. 80.

<sup>62</sup> Documentário (2004), tempo 7:55 min - 8:10 min

<sup>63</sup> Bobbio, Norberto. “Dicionário de política I” Norberto Bobbio, Nicola Matteucci e Gianfranco Pasquino; trad. Carmen C, Varriale et ai.; coord. trad. João Ferreira; rev. geral João Ferreira e Luis Guerreiro Pinto Cacais. - Brasília : Editora Universidade de Brasília, 1a ed., 1998, introdução.

organização, pensando que, no século XXI, poderia renascer das cinzas uma “aristocracia negra”<sup>64</sup>, termo este fomentado também para que houvesse um resgate histórico sobre as raízes africanas antes do processo de racialização gerado pela colonização.

Tal discurso entra em contradição com falas do próprio documentário: os que trazem esse referencial a ser resgatado pelas ações do Aristocrata, dizem que, com esta valorização da cultura africana e afro-brasileira, os brancos passavam a respeitar os negros<sup>65</sup>. Ao mesmo tempo, Ertes Brasil, uma das participantes do documentário e a primeira mulher a compor a diretoria do ARI, diz que até os dias de hoje o racismo existe e se faz presente na realidade da população negra.

Ainda com as contribuições de Reinaldo Soares, agora em sua obra intitulada “Negra nobreza: reis, rainhas e a aristocracia no imaginário negro”, publicada em 2006. O autor analisa as simbologias e os discursos de movimentos que surgiram no século XX que se utilizavam da herança colonial presente no imaginário popular.

Segundo ele,

O imaginário monárquico consolidou-se junto às camadas populares, justamente por haver uma “comunidade de sentidos” que proporcionava a utilização e manipulação dos símbolos da monarquia pelo povo. Enquanto as elites estavam preocupadas em consolidar a unidade nacional através da figura do rei como o grande líder nacional, nas festas o povo reverenciava um rei mítico, religioso e atemporal<sup>66</sup>.

Isto significa que o imaginário popular era repleto de simbologias que remetiam ao Império, mas não de forma purista, relacionada somente com a experiência colonial. Havia referenciais que até mesmo os escravizados nascidos em diáspora tinham quando o tema remetia aos reis e rainhas.

Diversas festividades, como a congada, estavam repletas de expressões presentes em África e que eram imortalizadas, de forma atemporal, através dos

---

<sup>64</sup> Documentário (2004), tempo 8:10 min – 8:25 min

<sup>65</sup> Documentário (2004), tempo: 5:30 min – 6:00 min.

<sup>66</sup> SOARES, REINALDO DA SILVA. Negra nobreza: reis, rainhas e a aristocracia no imaginário negro, 2006, pg. 94.

processos de resistência daquele povo que, podado até mesmo nos pensamentos, buscava formas de perpetuar sua cultura em relações escravistas.

Foi assim com a congada, foi assim com o sincretismo, por exemplo, onde, mesmo frequentando a religião do senhor de engenho, conseguiam manter sua cultura viva. Como bem nos aponta Reinaldo Soares “Muitas lideranças de levantes de escravos se autodenominavam reis e rainhas, restaurando, no Brasil, uma possível autoridade exercida na África”<sup>67</sup>.

Até os dias atuais esse imaginário popular se encontra embriagado de heranças do império - tanto na realidade africana quanto da realidade dos povos em diáspora. Se pegarmos, por exemplo, letras de rap atuais podemos identificar essa transculturação de maneira evidente, estabelecendo conexões atemporais. É o caso da música “Vivão e vivendo”, segunda faixa do álbum “Nada como um dia após o outro dia” do grupo Racionais Mc’s. A letra diz:

(...)

Eu tenho fé, amor e a fé no século XXI  
Onde as conquistas científicas, espaciais, medicinais  
E a confraternização dos homens, e a humildade de um rei  
Serão as armas da vitória para a paz universal<sup>68</sup>.

Ou até mesmo o nome de um dos rappers mais consagrados do Rio de Janeiro: Marechal. Estes são apenas alguns exemplos de inúmeros casos presentes dentro do imaginário popular e que, com esta bagagem e acúmulo, geram produções culturais e artísticas que, de forma consciente ou não, reproduzem determinadas ideias firmadas entre o povo negro no período colonial brasileiro.

Como o trecho bem trouxe, o século XXI chegou com os povos oprimidos ainda sedentos por justiça e igualdade – digo isso pensando nas limitações postas pela ditadura, mas também pelo colonialismo. A democracia não pode abraçar a todos. Com isto, fica a ideia de que ainda se espera que um rei traga a paz universal, sendo fiel ao seu povo. Tal esperança é cultivada por todos os nichos da

---

<sup>67</sup> Ibidem.

<sup>68</sup> MC’s, Racionais. “Vivão e vivendo”, faixa nº 2 do álbum “Nada como um dia após o outro”, lançado em 2002.

população brasileira, reflexo da herança católica que temos presente na formação do país.

Tendo em mente o que nos diz Bobbio, já citado acima, os termos vão ganhando novos significados de acordo com os diferentes períodos históricos, pois são ressignificados de acordo com o uso dos mesmos pelas sociedades, sem ter um significado universal.

Como diz Nima Lino Gomes, o movimento negro é um movimento que educa e que também foi educado pelos passos que foram dados antes de nós<sup>69</sup>.

#### **4.2 Formação da zona sul da capital: breve história do Grajaú.**

O distrito do Grajaú fica localizado na zona sul da capital paulista, na região da Capela do Socorro. Esta região possui hoje cerca de meio milhão de pessoas, onde só o distrito do Grajaú tem mais de trezentos e cinquenta mil habitantes, adensados em diversos bairros, onde a maioria sofre com os poucos aparatos de saúde, cultura e lazer que se tem na região - muitos, organizados por coletivos da própria comunidade.

O Grajaú começou a ser ocupado ainda na primeira metade do século XX, mas de forma gradual. Bairros de hoje como Vila São José, Rio Bonito e Cidade Dutra são deste período e colaboraram muito para a urbanização da região ao longo dos anos<sup>70</sup>.

O *boom* de ocupação da região se deu a partir da década de 1950, quando a região de Santo Amaro passou a receber diversas empresas, tornando-se, assim,

---

<sup>69</sup> GOMES, Nilma Lino. O Movimento Negro Educador: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis, RJ : Vozes, 2017.

<sup>70</sup> Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo, Prefeitura SP, 2021. Histórico - História da Capela do Socorro. Disponível em: <  
[https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/capela\\_do\\_socorro/historico/index.php?p=916](https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/capela_do_socorro/historico/index.php?p=916) >. Acesso: 30 de set. de 2021.

um polo industrial que atraiu diversas pessoas para ocuparem a região sul da cidade<sup>71</sup>.

A ideia do estado republicano de embranquecer a população brasileira veio com a garantia para esses imigrantes de terra para se realizar o plantio de subsistência, assim como habitar aquele espaço.

Um dos lugares cedidos pelo governo paulista foi justamente Santo Amaro, ainda na primeira metade do século XIX<sup>72</sup>, que recebeu a comunidade alemã, sendo um dos primeiros locais a ser considerado uma colônia de imigrantes. Em 1832, Santo Amaro tornou-se um município do Estado de São Paulo, voltando a ser um bairro da capital paulista em 1935, época em que suas proximidades recebiam importantes construções, como o Aeroporto de Congonhas e o Autódromo de Interlagos<sup>73</sup>.

Outra região mais ao extremo sul da capital paulista que também foi ocupada pela comunidade alemã foi a região do Colônia - localizado em Parelheiros, distrito vizinho ao Grajaú. Essa ocupação no bairro do Colônia também vem desde o século XIX<sup>74</sup>.

Em contrapartida, a parcela da população que chegou na região sul da capital a partir do século XX em diante, e que não tiveram estímulos por parte do Estado para ocupar tais regiões, tendo que se instalar em locais irregulares, formando, assim, as favelas, becos e vielas do extremo sul da capital paulista.

---

<sup>71</sup> Secretaria da Cultura da Cidade de São Paulo, Prefeitura SP, 2008. Bairro de Santo Amaro. Disponível em: <[https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bibliotecas/bibliotecas\\_bairro/bibliotecas\\_m\\_z/prfeitoprestesmaia/index.php?p=3867](https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bibliotecas/bibliotecas_bairro/bibliotecas_m_z/prfeitoprestesmaia/index.php?p=3867)>. Acesso: 30 de out. De 2021.

<sup>72</sup> Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo, Prefeitura SP, 2021. Histórico - História da Capela do Socorro. Disponível em: <[https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/capela\\_do\\_socorro/historico/index.php?p=916](https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/capela_do_socorro/historico/index.php?p=916)>. Acesso: 30 de set. de 2021.

<sup>73</sup> Secretaria da Cultura da Cidade de São Paulo, Prefeitura SP, 2008. Bairro de Santo Amaro. Disponível em: <[https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bibliotecas/bibliotecas\\_bairro/bibliotecas\\_m\\_z/prfeitoprestesmaia/index.php?p=3867](https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bibliotecas/bibliotecas_bairro/bibliotecas_m_z/prfeitoprestesmaia/index.php?p=3867)>. Acesso: 30 de out. De 2021.

<sup>74</sup> Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo, Prefeitura SP, 2021. Histórico - História da Capela do Socorro. Disponível em: <[https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/capela\\_do\\_socorro/historico/index.php?p=916](https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/capela_do_socorro/historico/index.php?p=916)>. Acesso: 30 de set. de 2021.

Muitos migrantes se estabeleceram no local, principalmente a comunidade nordestina, assim como os descendentes de escravizados que somaram corpo a este movimento de ocupação de forma mais intensa a partir da década de 1950<sup>75</sup>.

Este movimento fez com que ocorresse uma ocupação desenfreada da região do Grajaú. Com poucas opções de lazer dentro deste processo de ocupação, as duas represas, a Billings e a Guarapiranga, foram espaços que eram utilizados pelos moradores na década de 1960 e 1970, não apenas como um ponto de lazer para quem habitava a região, mas também para manter a higiene básica da morada, como lavar as roupas e demais utensílios utilizados no dia a dia. Também era comum que se tomasse banho no local, além de lavar as peças de roupa da família, diz Leonor, uma das entrevistadas da pesquisa.

Ela conta que chegou na região com sua família ainda jovem, e que participou das festas do Aristocrata na segunda metade da década de 1970, além de ver todo este processo de ocupação resultar no maior distrito da capital paulista. Leonor relata que foi diretora do ARI por mais de dez anos; também passou um período na diretoria da escola de samba Vai-Vai, tendo um acúmulo de experiências bem interessantes sobre o Aristocrata e movimentos daquele período.

Questionada sobre como via as pautas do Aristocrata para a luta antirracista, Leonor conta que tiveram avanços, mas “não diretamente”:

Ela comenta:

“Eu fiquei sabendo - não era da minha época - que não entravam brancos nos eventos, e depois passou a entrar, então isso eu acho que foi uma coisa que eles abriram. Quem estava lá antes deles, da turma que eu conheci de uma certa época, não queria isso. Mas foi mudando, e eles foram achando mesmo que o caminho certo seria todos... Porque eu acho que o racismo ali estava dos dois lados, tanto do branco contra o negro, como do negro contra o branco. E o negro se achava mais vulnerável ainda. Tudo bem, eu sei que o negro sofre muito mais. Mas eu acho que hoje em dia o negro bate muito nisso, sabe. Não precisa tanto, sabe. Eu sou contra. Esse negócio de mulheres negras, “...porque as mulheres negras” não! Mulher negra, mulher branca, é mulher. Pra mim é mulher! Não tem mulher branca e mulher negra”<sup>76</sup>.

---

<sup>75</sup> Idem.

<sup>76</sup> Trecho retirado da entrevista com Leonor, 2021, disponível nos anexos.

A fala de Leonor não era unânime entre os entrevistados deste grupo, mas demonstrava a mistura de ideias que a mesma fazia com sua experiência no Aristocrata e sua visão sobre as mulheres. O clube já apresentava fotos de eventos realizados pelo Aristocrata com celebridades brancas que, segundo Martha, sempre tiveram um espaço dentro do clube já em seus anos iniciais, contando, inclusive, com policiais de renome no período.

A mesma também levanta a ideia de que a pauta racial é super explorada pelos negros que pontuam tais discussões, trazendo a ideia do racismo reverso como um dos argumentos para justificar essa sua crítica à abordagem exacerbada sobre as questões do racismo sofrido pela comunidade negra nos dias atuais, o que também é problemático tendo em vista os índices que temos sobre violência contra as mulheres, além dos números que demonstram como as mulheres negras dificilmente ocupam lugares de poder em nossa sociedade, diferente das mulheres brancas que tem o privilégio de crescer sabendo que é uma herdeira.

Ainda sobre os clubes tradicionais da cidade, onde os negros não podiam entrar exceto em relações de trabalho, um deles teve papel de extrema relevância dentro do processo de urbanização da zona sul da capital paulista: o Clube de Campo São Paulo (CCSP).

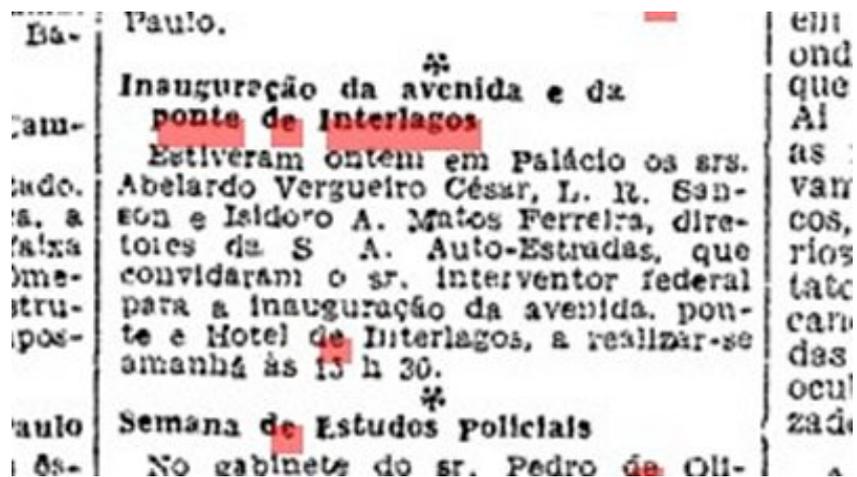
Tal clube foi fundado oficialmente em 1937, mas a história do clube remete de alguns anos antes desta data, onde terrenos já eram comprados com este objetivo. Com a crescente expansão do clube e o aumento do número de sócios, a ida para o clube teve obras para facilitar a chegada ao clube, conforme os anos se passavam. Bairros já se formavam na década de 1940 nas regiões próximas ao clube, como é o caso da Cidade Dutra<sup>77</sup>, bairro planejado e fundado na década de 1940. A ponte de

---

<sup>77</sup> Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo, Prefeitura SP, 2021. Histórico - História da Capela do Socorro. Disponível em: < [https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/capela\\_do\\_socorro/historico/index.php?p=916](https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/capela_do_socorro/historico/index.php?p=916) >. Acesso: 30 de set. de 2021.

Interlagos teve sua construção finalizada em 1945, conforme vemos na matéria a seguir:

Figura 9 - Excerto de matéria jornalística divulgando a inauguração da Ponte de Interlagos, obra que facilitou o acesso dos sócios do CCSP. Fonte: Folha da Manhã\_ 06.06.1945.



O CCSP tinha entre seus sócios-fundadores pessoas que já nasciam com capital econômico, como é o caso do banqueiro Avary dos Santos Cruz<sup>78</sup>. Por ser um clube da elite econômica da cidade, a segregação para com a população sem acesso ao capital econômico é nítida: quase cem anos depois, o clube ainda mantém suas portas fechadas para não sócios. A importância do clube para a região foi imensa, tendo em vista que uma das estradas construídas para o acesso ao clube se chamou “Estrada do Clube de Campo”<sup>79</sup>.

O que me chamou a atenção foi justamente o fato de clubes tradicionais como esses, onde até os dias de hoje a população periférica não tem acesso aos espaços de lazer do clube, ficar próximo do local escolhido pelos sócios do Aristocrata para

<sup>78</sup> CLUBE DE CAMPO SÃO PAULO. Clube de Campo de SP. Sobre o Clube, nossa história. Disponível em: < <https://www.clubedecampodesp.com.br/sobre-o-clube-nossa-historia/> >. Acesso: 20 de nov. de 2021.

<sup>79</sup> Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo, Prefeitura SP, 2021. Histórico - História da Capela do Socorro. Disponível em: < [https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/capela\\_do\\_socorro/historico/index.php?p=916](https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/capela_do_socorro/historico/index.php?p=916) >. Acesso: 30 de set. de 2021.

construir o Clube de Campo onde a Aristocracia Negra poderia não apenas entrar pela porta da frente, como usufruir de cada canto.

Caracterizo o Clube de Campo São Paulo como um clube da elite paulista, justamente pelo ornamento que eles possuem em seus mais de um milhão de metros quadrados beirando a represa Guarapiranga: possuem um departamento náutico, inaugurado ainda na década de 1940, o complexo hípico, inaugurado na década de 1960, campo de golfe, construído na década de 1950, célebres festas de réveillon, possui entre seus sócios e responsáveis pelo recorte paisagístico do clube os renomados Rino Levi e Burle Marx<sup>80</sup>.

Todo esse capital é restrito a uma pequena parcela da população. Durante minha trajetória universitária tive a oportunidade de estagiar no CCSP, justamente no arquivo histórico do clube, tendo tido acesso a uma documentação que só encontramos no arquivo do clube.

O espaço de lazer da elite paulistana no século XX, a partir da década de 1970, com o crescimento populacional na região entorno do clube, faz com que a luta de classes fique mais latente neste lado da capital: roubos ao patrimônio do clube começam a ocorrer<sup>81</sup>, o que deixa um clima de insegurança para os sócios e, claro, as medidas vem da mesma forma com que chegam a 500 anos: policiamento e cerceamento às comunidades que moram próximas ao clube, além da construção das muralhas que separam esses dois universos.

Com isto, vemos as potencialidades que a zona sul abrigou: uma região da cidade que, no século XX, evidenciado sua riqueza natural, se formaram clubes que lidavam com universos distintos num espaço geográfico próximo, cada um se aproveitando do espaço conforme suas condições financeiras.

---

<sup>80</sup> CLUBE DE CAMPO SÃO PAULO. Clube de Campo de SP. Sobre o Clube, nossa história. Disponível em: < <https://www.clubedecampodesp.com.br/sobre-o-clube-nossa-historia/> >. Acesso: 20 de nov. de 2021.

<sup>81</sup> Idem, subdivisão anos 80 e 70.

### 4.3 O Clube de Campo do Aristocrata

O Aristocrata surgiu com esta ideia de se formar um clube para a comunidade negra. No final da década de 1950, uma pequena parcela da população negra conseguia trabalhar nos clubes tradicionais da cidade como atletas, competindo e vestindo a camisa dos clubes brancos da cidade. Ao mesmo tempo, esta relação só se dava no campo do trabalho, impedindo qualquer tentativa de ingresso desses trabalhadores de adentrarem nos clubes a partir do lazer.

O principal espaço onde ocorreram as festividades do Aristocrata foi em seu clube de campo, localizado no Grajaú. Lá foram recebidas diversas celebridades nacionais e internacionais, para shows, eventos, ou simplesmente para conhecer o espaço onde a aristocracia paulistana se reunia.

Uma das vozes mais conhecidas da música brasileira deu um depoimento de seu contato com o clube. Milton Nascimento diz que, no ano de 1966, chegou a São Paulo. Neste ano, o clube de campo do Aristocrata ainda não estava em funcionamento. Milton ainda não tinha a fama que possui hoje e, por isso, tocava em bares da cidade para fazer algum dinheiro.

Em uma dessas apresentações despretensiosas, Agostinho dos Santos, um dos fundadores do clube, passou e viu Milton cantando em um bar. De imediato parou para ouvir o músico e, ao final da apresentação, dos Santos convidou Milton para conhecer o espaço do ARI. Milton conta essa história em uma entrevista que deu para a *Revista TRIP*. Ele diz:

Naquele tempo, os pretos jamais poderiam frequentar um clube com áreas de lazer e sofisticados bailes. Eu mesmo, na minha cidade, Três Pontas [MG], só fui entrar no principal clube após minha consagração com “Travessia”, em 1967. Por isso o meu espanto quando Agostinho me levou ao Aristocrata. Quando vi aqueles pretos bem-vestidos – as mulheres, lindas, de longo e os homens de passeio completo –, quase não acreditei. Era um foco de resistência de um jeito que eu jamais tinha imaginado. Já que não era permitido aos pretos o direito de frequentar os clubes da elite branca – a não ser como garçom e faxineiro –, agora tínhamos nosso próprio espaço<sup>82</sup>.

---

<sup>82</sup>Revista Trip (UOL), edição digital jan/2014 (disponível em: <https://revistatrip.uol.com.br/trip/negro-e-lindo>).

A fala de Milton Nascimento certamente leva em consideração o histórico de clubes negros que, desde o início do século XX se organizam em prol da comunidade negra, realizando atividades esportivas e bailes, buscando vislumbrar um horizonte que os fizesse caminhar diante do racismo presente nas entranhas da sociedade brasileira. Acredito que o mesmo tenha se referido a espaços ocupados pela elite, onde era gritante a desigualdade se comparado com os clubes negros. O CCSP, por exemplo, tinha suas festas organizadas desde o final da década de 1930, esbanjando atividades e festividades em seu clube, de uma forma muito restrita, como era comum naquele período.

Ao mesmo tempo, o relato de Milton Nascimento vem de um período em que o regime ditatorial já vigorava no Brasil, ainda com medidas mais amenas se comparadas com as do Ato Institucional nº 5, promulgado no fim de 1968. Isto posto, podemos supor que a organização do Aristocrata contribuiu para que negros de classe média alta fossem tratados de outra maneira, tendo em vista que os membros de tal clube tinham poder econômico para lhes proteger.

No ano de 1964 o Aristocrata Clube consegue comprar um terreno na região do Grajaú, extremo da zona sul paulista, para construir um dos principais pontos que levou a fundação do clube: uma piscina junto de um clube de campo, inaugurada em 1970, que seria palco de diversas apresentações de artistas nacionais e internacionais de renome no meio musical.

O Aristocrata conseguia suas aquisições financeiras através das festividades realizadas para financiar tais compras, além da cooperação dos membros<sup>83</sup> – que, ao longo dos anos 1960 e 1970, teve um aumento considerável -, que contribuíram com determinadas quantias em dinheiro para que o Clube continuasse se mantendo.

---

<sup>83</sup> Questionada sobre como o Aristocrata se mantinha além da contribuição dos sócios, Martha comenta: “Sim! Das festas, dos eventos que a gente faz”. Ela também comenta sobre a indenização que o ARI recebeu da prefeitura pela expropriação das famílias que haviam ocupado o terreno do clube de campo, localizado no Grajaú. Com tal quantia, o Aristocrata conseguiu construir sua atual sede, localizada próxima ao metrô São Judas, zona sul da capital paulista.

Seguindo a lógica de associados, o Clube consegue receber uma quantia mensal, conforme foi verificado nos relatos das entrevistas e no documentário<sup>84</sup>.

A região sul da capital paulista, compreendendo toda a região de ambos os lados da represa Guarapiranga, possui um grande legado cultural de movimentos que, desde os anos de 1970 já se articulavam seja para reivindicar questões mais políticas para com a prefeitura como é o caso das mães que tocaram luta por criação de creches<sup>85</sup>, seja para se juntar e formar uma escola de samba e ganhar um espaço de cultura e lazer dentro do seu bairro.

Este movimento, diferente do Aristocrata, possui suas raízes diretamente nas entranhas da militância orgânica, assim como na teologia da libertação; o Aristocrata Clube tem sua base composta por membros da classe média negra, que dialogava / se espelhava muito com a / na elite paulistana nos modos de vida.

Essa constatação se dá muito pelos espaços nos quais o Aristocrata inseria sua comunidade e seus eventos, como o Lions, Clube Homs e o Rotary Club, conforme vimos nas matérias apresentadas na figura 05 e da imagem abaixo. Tais relações, inevitavelmente, fazem com que esta parcela da população negra pense e aja de forma mais semelhante à das elites brancas; é como se o acesso ao capital econômico forjasse nossa forma de pensar.

Figura 10 - Excerto de matéria jornalística divulgando uma peça de teatro de nome "Feitiço" e baile de gala no Rotary Clube. Fonte: Correio Paulistano\_ 08.03.1963.

\* "Aristocrata", o clube "bem" da raça negra de São Paulo, está comemorando o seu 2.º aniversário. E programou: para dia 14, um espetáculo (reservado) da Cia. Nydia Licia, no "Bela Vista", com a comédia de Oduvaldo Viana, "Feitiço"; para dia 27, baile de gala nos salões do Rotary Clube, com o conjunto de Walter Wanderley e um "show". E a novíssima sede própria, ali na rua Alvaro de Carvalho 118 (conjuntos 103-104) já acusa grande movimento, diariamente.

<sup>84</sup> Documentário (2004), tempo: 6:47 min – 7:22 min.

<sup>85</sup> SADER, Eder. Quando novos personagens entram em cena: experiências e lutas dos trabalhadores da grande São Paulo 1970-1980. Paz e Terra, 4ª Edição 2001, pg. 197-212.

Ao mesmo tempo, partindo das entrevistas que realizei com membros e participantes do Aristocrata Clube, pude ver que, até mesmo este clube fundado com este recorte racial, não era um clube para todos. Leonor, mulher negra e moradora do Grajaú até os dias de hoje, diz que, naquele período (década de 1970), ela, Raiza e Genival eram obrigados a ir para os bailes com duas mudas de roupa: uma muda para enfrentar o caminho até o clube, percurso este que era feito no chão de barro, além de passar por debaixo de uma cerca nos fundos do Clube de Campo, e a outra muda de roupa para curtir o baile sem estar com a vestimenta suja.

Fica o contraponto desta questão para o próximo capítulo, no qual irei analisar as entrevistas e seus argumentos para melhor utilizar tais fontes.

Ainda sobre o clube de campo, um elemento que não poderia deixar de ser ressaltado era justamente sobre o time de futebol do Aristocrata, que realizava seus jogos no Clube de Campo ARI, mas também participava de torneios esportivos pela cidade, segundo a diretora atual do clube, Martha. A mesma diz que o time do ARI chegou a ser vice-campeão da “Copa São Paulo”, mas em minhas investigações sobre o histórico do evento, não encontrei o time do Aristocrata na lista de vencedor ou vice.

Também realizei buscas no periódico “Gazeta Esportiva”, pelo site da “Hemeroteca Digital”, seguindo as orientações de Martha, que comentou durante a entrevista sobre as possibilidades de ter matérias falando sobre o Aristocrata e seu time de futebol no Grajaú, mas também não obtive sucesso nesta investigação.

O que consegui encontrar foi justamente um vídeo de 11 minutos, na plataforma do Youtube, postado no ano de 2019, falando sobre o histórico do time de futebol do Aristocrata no Grajaú, chamado de Aristocrata Clube Grajaú<sup>86</sup>. Neste documentário, organizado por membros do time, temos a informação de que, já nos anos dois mil, a sede do Aristocrata colaborava com o time do Grajaú, mesmo tendo perdido o contato com o território, graças às ocupações do espaço do clube pelo aumento populacional na região.

---

<sup>86</sup> Documentário disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KmWq8lt0rgg>.

Outro ponto interessante deste documentário é ver a história do clube sendo resgatada por adolescentes e sendo transmitida de forma oral para as categorias mais novas do time, falando sobre a importância do clube para a região do Grajaú naquele período. As crianças também fazem falas sobre a importância do time para a vida delas e da comunidade, assim como as demais atividades esportivas e culturais que acontecem no Grajaú.

O futebol era uma das marcas do Aristocrata Clube, sempre realizavam partidas aos finais de semana. Com uniforme, um campo com medidas oficiais, com a comunidade negra tendo acesso ao lazer de forma mais saudável, sem que o racismo lhes estragasse os momentos de lazer de forma direta.

É válido lembrar que o esporte futebolístico também era alvo de ações racistas por parte de alguns clubes. Muitos demoraram para agregar jogadores negros em seu time, e quando o faziam, ainda seguiam com práticas de segregação.

Sobre isto, Martha nos diz:

Essas pessoas não tinham espaço de socialização. Os clubes para quem eles trabalhavam como atletas, onde eles defendiam a camisa do clube, esses clubes não permitiam que eles tivessem vida social. (...) Não permitiam que eles entrassem no clube pelas portas da frente, só pelas portas do fundo. (...) E a mesma coisa acontecia com os atletas, de uma forma geral com a sociedade negra. Então a comunidade negra não tinha acesso a lazer, em lugar nenhum.

Os negros foram sendo inseridos dentro dos clubes de futebol, mas somente numa relação trabalhista, sem ter acesso aos benefícios de lazer que os clubes possibilitavam para os atletas brancos. Os membros do Aristocrata passaram a se mobilizar justamente para combater tais práticas.

Ao mesmo tempo, a fala de Martha não leva em consideração os espaços já existentes para a comunidade negra citados no início do documentário, como o “28 de setembro, o Elite Dançante Paulistana da Glória, o Palmares, tínhamos os cordões carnavalescos que, depois, viraram escolas de samba (...)”<sup>87</sup> entre outros

---

<sup>87</sup> Documentário (2004), 1:00 min – 1:15 min.

tantos clubes citados no documentário e em trabalhos acadêmicos como os de Petrônio Domingues e Reinaldo Soares.

Hoje, o time do Aristocrata Clube Grajaú é um time feminino e ainda carrega em seu uniforme o logo do Aristocrata Clube.

### Capítulo 3 - ANÁLISE DOS DISCURSOS: INVESTIGANDO MAIS A FUNDO AS ENTREVISTAS.

#### **5.1 Entrevista com participantes dos eventos no Clube de Campo**

Nos dados obtidos através das entrevistas, muitos pontos tiveram divergências nas formas de serem descritas pelas pessoas entrevistadas, mas não só. Pretendo, neste capítulo, explicitar tais divergências e buscar compreender, através das análises, as causas que moldaram visões diferentes sobre os mesmos objetos históricos, assim como investigar os pontos convergentes entre as falas das entrevistadas, se utilizando também dos testemunhos presentes no documentário (2004) para estabelecer esse diálogo entre os pontos de vista, assim como de outros dados que possam ser relevantes para contrapor as ideias analisadas.

Num primeiro momento, fica evidente o embate de classe presentes nas falas. Por mais que a complexidade da sociedade moderna nos demonstre outras divisões passíveis para se analisar as sociedades contemporâneas, as estruturas que temos hoje possuem bases fundamentadas em outros tempos históricos, ou para dar nome à ferida mais profunda que temos, o período colonial<sup>88</sup>.

Ainda que num campo subjetivo, sabemos que nenhum documento produzido é isento de inclinações elaboradas por quem o produz, ou seja, é preciso compreender tais relatos dentro de um contexto previamente conhecido pelo pesquisador. Como bem nos apresenta Verena Alberti, “O relato pessoal (e a entrevista de história oral é basicamente um relato pessoal) transmite uma experiência coletiva, uma visão de mundo tornada possível em dada sociedade”<sup>89</sup>. Com esta noção sobre a importância da história oral para acessar informações ausentes em registros escritos, vamos utilizar as entrevistas realizadas para uma melhor compreensão do que foi esta experiência do Aristocrata Clube à partir da vivência dos entrevistados.

---

<sup>88</sup> Klaus EDER, A classe social tem importância no estudo dos movimentos sociais? Revista Brasileira de Ciências Sociais, junho de 2001.

<sup>89</sup> ALBERTI, Verena. Indivíduo e biografia na história oral. Rio de Janeiro: CPDOC, 2000, pg. 1-2.

Parafraseando as ideias de Reinaldo Soares, os tropos de raça e classe são essenciais para a compreensão da história do Brasil pelas mentes e mãos que constroem o país, sobre seu papel no processo de construção e consolidação do território brasileiro<sup>90</sup>.

### **5.2 Convergências, divergências e análise dos discursos.**

Tratando agora sobre as convergências que surgiram nas entrevistas, muito se falou de três eixos principais: socialização, escolas de samba, perda do espaço do clube de campo na década de 1990, este último sendo reflexo de ocupações realizadas pelos moradores da região do Grajaú, que naquela década já contava com um número bem maior de bairros e famílias.

Foi unânime nas entrevistas a ideia do Aristocrata como um espaço de socialização e lazer da burguesia negra do período, um espaço onde podiam se reunir para confraternizar e que não fosse a casa de alguém da família. Segundo o historiador Petrônio Domingues: “De cunho eminentemente assistencialista, recreativo e/ou cultural, as associações negras conseguiam agregar um número não desprezível de “homens de cor”, como se dizia na época”<sup>91</sup>. Apesar de já terem associações que buscavam firmar o mesmo ideal, muitas delas se encontravam nas cidades próximas da capital paulista, como Campinas, Martha nos diz:

Tudo lá no Clube de Campo; saiam os ônibus no centro da cidade, a nossa sedinha era ali na Rua Álvares de Carvalho, 118, e saía os ônibus de lá da porta... 20, 30 ônibus. Vinha gente de fora, de outros estados e de outras cidades de São Paulo. Porque, no interior, tem até clubes mais antigos que o Aristocrata.

Assim como falam Leonor, Raiza e Genival, com um ar de nostalgia: Leonor: “Mas o Aristocrata é [foi] muito bom, eu gostaria que voltasse a ser o que era...”; Raiza: “Festa do Chopp? Nossa senhora, que saudade (...). Vinha gente de

---

<sup>90</sup> SOARES, REINALDO DA SILVA “Negros de Classe Média em São Paulo: Estilo de vida e identidade negra”, São Paulo, PPGAS- USP, 2004, pg. 71.

<sup>91</sup> DOMINGUES, Petrônio “Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos”, Artigo publicado em 03/2007, pg. 103.

Campinas, de Jundiaí, de ônibus fretado para vir tudo pra festa”; Genival: “A primeira vez que eu paguei no Aristocrata, nunca me esqueço, foi em 1986”.

Nas falas presentes no documentário de Jasmin e Asa Pinho, também é possível identificarmos esse tropo da socialização e lazer sendo levantados para falar sobre a importância do Clube. A companheira de um dos sócios, Teda Pellegrini, diz:

Aquele espaço do clube favoreceu a gente estar em contato com outras famílias [negras] e ter outros modelos. Então pessoas que já tinham uma progressão profissional melhor, um status melhor, e que não tinham visibilidade na sociedade. E a gente pode entrar em contato com essas pessoas<sup>92</sup>.

Assim, vemos que a pauta da socialização se fazia presente nos diversos grupos da comunidade negra que, de algum modo, colaborou para a construção da história do Aristocrata e dos clubes que se formaram desde o final do século XIX em diversas cidades do país<sup>93</sup>. Ao mesmo tempo, quem eram as famílias negras que ocupavam tais espaços? Certamente as famílias que se encaixavam na proposta inicial do Aristocrata, ou seja, as famílias de classe média, a dita elite negra.

Não quero, com isto, insinuar que o Aristocrata tinha medidas para fazer esta contradição se materializar, se fazer presente dentro das relações com a população que residia no Grajaú, mas, de formas subjetivas, isso era percebido em algumas relações. Uma delas surge na questão colocada no capítulo anterior<sup>94</sup>, quando os entrevistados alegaram ter que passar por debaixo da cerca que tinha nos fundos do clube para entrar em determinados eventos que eram pagos, pela falta de dinheiro.

“Tinha o arame farpado, não era? Tinha dia que estava no barro, quando chovia a gente levava outra roupa, porque a gente andava e se sujava todo, não era Nenê?!”<sup>95</sup> diz Leonor, narrando a situação vivenciada. Por mais que se tenha um

---

<sup>92</sup> Documentário (2004), 4:28 min – 4:50 min.

<sup>93</sup> DOMINGUES, Petrônio “Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos”, Artigo publicado em 03/2007, pg. 103.

<sup>94</sup> Contraponto de uma questão colocada na página 40.

<sup>95</sup> Trecho retirado da entrevista com Leonor, 2021, disponível nos anexos.

peso individual sobre tal memória, foi um fato pelo qual esse grupo de entrevistados passaram.

Este tipo de informação não é fácil de se encontrar em produções de memória oficiais. A história oral possui esse peso de trazer à tona situações e contradições que podem aproximar os fatos da realidade a qual vivemos. Se contrastamos tais informações com outras fontes sobre o mesmo objeto, conseguimos visualizar aproximações entre os discursos. Como bem reitera Verena:

(...) as decisões que antes eram tomadas no curso de uma troca de correspondência, hoje em dia são tomadas por telefone, fax ou e-mail, muitas vezes sem deixar rastros em arquivos. Uma entrevista de história oral pode reconstituir processos decisórios e revelar informações que de outra forma se perderiam<sup>96</sup>.

Outro ponto em que a subjetividade falava mais alto era sobre as relações que se estabeleciam entre as sócias do clube e as integrantes que não eram sócias, sendo essas últimas as que, por um certo tempo, frequentaram as festas de forma “clandestina”. Sobre isto, Raiza diz: “Eles formaram a panelinha deles e não davam abertura para ninguém...”<sup>97</sup>, ponto este que Leonor discorda.

Na visão de Leonor:

(...) no meu ponto de vista eles tinham o mundo deles. (...) ó, eu vejo assim: como o mundo deles, porque eram eles que estavam lá todos os dias, a maioria daquelas mulheres eram esposas de um deles, ou namorada de um deles, ou até amante de um deles, porque eu vi muitas lá que eram amante. Mas elas estavam com os caras, então era o mundo deles<sup>98</sup>.

Isto posto, conseguimos identificar, por parte de Raiza, uma fala na qual as questões pessoais se afloram mais, enquanto que Leonor explicita as relações com um olhar de quem vivenciou de forma mais íntima tais relações, trazendo situações práticas para tentar compreender o que viveu em tempos idos.

---

<sup>96</sup> ALBERTI, Verena. *Indivíduo e biografia na história oral*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2000, pg. 2.

<sup>97</sup> Trecho retirado da entrevista com Raiza, 2021, disponível nos anexos.

<sup>98</sup> Trecho retirado da entrevista com Leonor, 2021, disponível nos anexos.

O documentário não fala sobre tais questões mais específicas, impossibilitando que tenhamos mais contrapontos para analisar tal debate. Ao mesmo tempo, como dito, as contradições se fazem presentes nesses processos e acredito ser de extrema importância que não as deixemos de lado; é preciso compreendê-las para melhor caminhar.

A ideia de embranquecimento da comunidade negra através do capital cultural e econômico, vivenciado por esta classe média negra, não é um objeto de estudo novo. Como nos diz Thalles de Azevedo (1996):

É importante registrar que, até este momento, o principal canal de ascensão social, através do qual grande número de pretos e mestiços têm adquirido status elevado, é a educação no duplo sentido de boas maneiras e de uma instrução de elevado nível, além da adesão aos mores e concepção da cultura dominante, o que, em última análise, é um problema da aculturação ou de mais completa integração das massas de cor na sociedade dominante<sup>99</sup>.

Isto significa que tanto os argumentos de Raiza quanto os de Leonor têm fundamento em questões sociais já postas naquela configuração de movimento, onde uns buscavam esse “status elevado” que disse Thalles, complexificando tal relação.

As décadas de 1960 e 1970 viram a história oral se configurar como uma fonte histórica possível para se trabalhar com eventos ocorridos nos períodos históricos. Principalmente na década de 1970, mesmo período onde as entrevistas das começaram a ter contato com o Aristocrata, tais disputas se acirravam, ganhando aliados e críticos ferrenhos. Como diz Marieta de Moraes Ferreira:

A guerra do Vietnã e as lutas pelos direitos civis, travadas pelas minorias de negros, mulheres, imigrantes etc., seriam agora as principais responsáveis pela afirmação da história oral, que procurava dar voz aos excluídos, recuperar as trajetórias dos grupos dominados, tirar do esquecimento o que a história oficial sufocara durante tanto tempo<sup>100</sup>.

---

<sup>99</sup> AZEVEDO, Thalles de. “As elites de cor numa sociedade brasileira: um estudo sobre a ascensão social e classe social e grupo de prestígio”. Salvador, EDUFBA, 2ª ed., 1996, pg. 66.

<sup>100</sup> FERREIRA, Marieta de Moraes. História oral: um inventário das diferenças. In: ENTRE-VISTAS: abordagens e usos da história oral / Marieta de Moraes Ferreira (Coordenação); Alzira Alves de Abreu.... [et al]. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getulio Vargas, 1998, pg. 4.

Os depoimentos de Raiza e Leonor não nos mostram uma verdade absoluta, assim como não podemos afirmar que esse tratamento diferenciado não existia. Temos apenas indícios sobre como essas relações se davam diante dos contrastes de classe postos. Se comparados com outras críticas feitas ao clube por seu caráter classista, passam a ganhar mais créditos e se aproximam das dinâmicas do período, que não eram isentas de incongruências. O que podemos afirmar é que, ao levar em consideração tais falas, estamos colocando discursos e personagens históricos excluídos pelos olhares globais, numa construção dialética da história coletiva<sup>101</sup>.

A estreita relação entre algumas escolas de samba e o Aristocrata Clube também se fez presente nas entrevistas, outro ponto que me proponho a analisar agora.

As escolas de samba são espaços que surgiram também com este propósito de reunir a comunidade negra para socializar, focalizando suas atividades nos blocos carnavalescos que envolviam musicalidade e dança. O Grêmio Recreativo e Cultural Escola de Samba Vai-Vai, por exemplo, nasce em 1930 na cidade de São Paulo e, somente 42 anos depois, passa a ser considerada uma escola de samba<sup>102</sup>. Junto do Aristocrata, o Grêmio Recreativo Vai Vai foi uma das poucas organizações a se estabelecerem na região central da cidade e ali conseguiram permanecer, mesmo com o avanço da especulação imobiliária nas regiões mais centrais dos grandes centros urbanos.

Não por um acaso, o símbolo escolhido para representar o Grêmio Recreativo Vai-Vai em seu logotipo foi justamente uma coroa, rememorando esta ideia de uma monarquia áurea e poderosa, da qual uma parcela considerável da comunidade negra fez questão de não se desvencilhar. A conjuntura que antecedeu a lei Áurea, assim como ao longo da Primeira República brasileira, podemos identificar esses

---

<sup>101</sup> Idem, pg. 6 e 7.

<sup>102</sup> SOARES, REINALDO DA SILVA. *Negra nobreza: reis, rainhas e a aristocracia no imaginário negro*, 2006, pg. 97.

movimentos em formas mais radicais, pela proximidade com o tempo histórico em que a monarquia ainda reinava, como nos demonstra Reinaldo Soares. Ele nos diz:

Uma manifestação pública da receptividade da monarquia pela população negra paulistana ocorreu com a expulsão dos republicanos das instalações do Clube 13 de Maio (uma organização negra, localizada na cidade de Jundiaí) pelos associados monarquistas, resultando em represálias e brigas fora da sede do clube. Mas a demonstração mais radical de reconhecimento de ex-escravos à princesa Isabel foi a Guarda Negra, organização liderada por José do Patrocínio, fundada em 28 de setembro de 1888, com o intuito de dispersar manifestações públicas favoráveis à República.

A Guarda Negra ficou conhecida por seus métodos violentos, chegando a encetar lutas de rua com os republicanos, que reclamavam o fim do Império. Sua atuação, além de resultar em um grande número de feridos, chegou a ocasionar mortes (Moura, 2004). Uma personalidade representativa da adesão parcial da população negra paulista à monarquia foi Arlindo Veiga dos Santos, que, em 1931, fundaria a mais representativa organização do meio negro: a Frente Negra Brasileira (FNB)<sup>103</sup>.

Este mesmo espírito monárquico, digamos assim, chegou até o Aristocrata e atravessou o século XX, mas perdendo esse lado mais radical que apresentavam a “FNB” e a “Guarda Negra”, se manifestando apenas na memória de seus membros. Tais referências vinham tanto dos tempos anteriores à escravização, no continente africano<sup>104</sup>, quanto das experiências nas Américas.

O texto de Reinaldo nos traz exemplos de experiências como a da escola de samba Vai-Vai e do Clube Aristocrata para materializar a ideia de movimentos que, um século depois da abolição, ainda carregam consigo essa herança do regime monárquico.

Sobre esta relação do Aristocrata com as escolas de samba, Leonor nos diz: “O pessoal que mais curtia o ARI era o pessoal da Camisa Verde e Branco e o pessoal da Vai-Vai. Camisa Verde e Branco, a maioria é do Camisa. Mas eles também tinham uma simpatia com o Vai-Vai”<sup>105</sup>. A fala de Leonor nos explicita que essa relação não apenas existia, mas coexistia. Membros do Grêmio Vai-Vai eram

---

<sup>103</sup> Idem, pg. 95.

<sup>104</sup> Idem, pg. 97.

<sup>105</sup> Trecho retirado da entrevista com Leonor, 2021, disponível nos anexos.

também pessoas que compraram a ideia do Aristocrata e somaram neste movimento.

Leonor foi a única entrevistada que exprimiu esta conexão em diversos momentos da entrevista, tendo ela sido diretora da Vai-Vai e porta-bandeira de um antigo Grêmio Recreativo que existia no Grajaú chamado “Flor Imperial do Grajaú”. Ao mesmo tempo, tendo em vista que em algumas bibliografias pelas quais passamos ao longo deste trabalho, muito se falou desta conexão, elementos que me chamaram a atenção já num primeiro contato.

Entendemos a memória como um elemento coletivo e social, como nos aponta Michael Pollack. Este fato faz com que vejamos este ponto levantado por Leonor sobre a relação dos grêmios recreativos e escolas de samba com o Aristocrata, como um símbolo que ela viveu esta relação em certa medida, mas também que se solidificaram ao longo da primeira metade do século XX e que foram ganhando fôlego para se aproximar e fazer parte da memória coletiva<sup>106</sup>.

Outro elemento que quero tratar aqui é sobre a polêmica do ingresso de pessoas brancas no ARI. Quando falo sobre este objeto de pesquisa muitas pessoas me perguntam se no Aristocrata era permitido a participação de pessoas brancas. A ideia de uma organização de negros já nos molda pra imaginar uma organização essencialista, mas não era o caso. Leonor trouxe este ponto, dizendo que eram rumores que andavam pelos corredores dos espaços do clube na época em que ela começou a frequentar: “(...) Eu fiquei sabendo, não era da minha época, que não entravam brancos e depois passou a entrar”<sup>107</sup>.

É compreensível que tenha tido certo ressentimento por parte desses negros que fundaram o Aristocrata Clube, pelo fato de não serem aceitos, a princípio, no clube dos brancos, além do peso histórico intrínseco na relação desses dois grupos étnicos dentro do contexto das Américas.

---

<sup>106</sup> POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. Estudos Históricos, Rio de Janeiro. volume 5, nº 10, 1992, p. 201.

<sup>107</sup> Trecho retirado da entrevista com Leonor, 2021, disponível nos anexos.

Em contrapartida, não temos relatos sobre esta possibilidade. Nem o documentário traz alguma referência sobre o assunto, muito menos os jornais que tive acesso, nem mesmo a fala dos demais entrevistados, o que pode ter sido uma projeção ou transferência<sup>108</sup>. Inclusive, o período em que Leonor frequentava o clube já haviam brancos que eram sócios do ARI; como ela bem mesma disse “depois passou a entrar”, e muitas dessas figuras tinham um prestígio social, como nos diz a governanta Martha:

Nós tínhamos, na década de 1960 - 1970... eu fui para lá em 1978, comecei a trabalhar no Clube em 1978-1979 como colaboradora, então nosso livro de sócios, nós tínhamos três mil e quinhentos sócios, entre esses sócios nós tínhamos personagens brancos, e personagens brancos de valor, sabe...

Segundo ela:

Aquele dono do... do canal 100 que fazia muito cinema, eu até vi esses dias o nome dele... é... ele, o... o Coriolano Cobra [sic]... o Coriolano era delegado da... ele era delegado da terceira delegacia das Perdizes, alguma coisa assim, ele era nosso sócio, entendeu?<sup>109</sup>

Com isto, vemos que os membros do Aristocrata não tinham questões quanto o ingresso de novos sócios, desde que esses tivessem capital econômico e cultural, agregando valor ao clube. Se utilizando mais uma vez das reflexões de AZEVEDO (1996):

Um dos mecanismos que facilitam essa integração é a proteção e a ajuda que muitos padrinhos e madrinhas proporcionam aos seus afilhados de cor, educando-os em suas próprias casas ou, pelo menos, obtendo-lhes empregos ou encaminhando-os aos estudos secundário e superior e, muitas vezes, continuando a orientá-los e protegê-los [...]<sup>110</sup>.

---

<sup>108</sup> POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. Estudos Históricos, Rio de Janeiro. volume 5, nº 10, 1992, p. 202.

<sup>109</sup> Trecho retirado da entrevista com Martha, 2021, disponível nos anexos.

<sup>110</sup> AZEVEDO, Thalles de. “As elites de cor numa sociedade brasileira: um estudo sobre a ascensão social e classe social e grupo de prestígio”. Salvador, EDUFBA, 2ª ed., 1996, pg. 66.

Vemos que o ARI era beneficiado em diversos sentidos por ter esses sócios brancos frequentando seus eventos. Com este contato, foi possível organizar aulas de etiqueta para as filhas dos sócios, com o objetivo de as mesmas saberem se portar em ambientes onde imperava uma cultura branca. Algumas fotografias do período também nos permitem confirmar este argumento, como é o caso da figura de nº 04, página 34. Também se teve relações de apadrinhamento com funcionários que passaram a estudar diante desta “orientação”. Martha nos diz:

Ele [Raul de Souza, advogado e primeiro presidente do clube] fazia esse trabalho, e ele gostava muito de ler. E o diretor com quem ele trabalhava, fazia o trabalho lá, via que ele gostava de ler e começou a passar pra ele: "Ah, trouxe um livro pra você". Aí ele começava a ler. "Porque você não faz um curso?" Naquele tempo, eu acho que ainda tem, aquele curso que você faz, estuda um tempo e depois vai...<sup>111</sup>

No acervo de fotos disponível ao final do trabalho, é possível ver essa miscigenação que se fazia nos eventos. Em contrapartida, os que frequentavam o clube constantemente, segundo Leonor: “Que eu lembro de ver brancos lá eram muito poucos. Assim, daquele time de todos os domingos, não é?! Só a negrada...”

<sup>112</sup>.

Durante a conversa, esta fala de Leonor me fez chegar a uma hipótese sobre as divisões de período do Aristocrata com relação a participação de pessoas não negras. Analisando essas imagens e contrastando-as com os depoimentos coletados, vemos que ao longo da década de 1960, antes da inauguração da piscina do clube, entregue só no início da década de 1970, os eventos contavam mais com a participação de membros brancos.

Este fato se dava por, pelo menos, dois motivos: 1) o fato de os eventos ocorrerem em espaços alugados, como já dito nos capítulos anteriores, nos salões de clubes como o Rotary, Homs, Lions, entre outros, que já eram frequentados pelos

---

<sup>111</sup> Trecho retirado da entrevista com Martha, 2021, disponível nos anexos.

<sup>112</sup> Trecho retirado da entrevista com Leonor, 2021, disponível nos anexos.

sócios brancos do ARI; 2) estes mesmos sócios priorizavam suas atividades de lazer nas regiões mais centrais da cidade.

Por esses motivos, Leonor teve contato com as pessoas que frequentavam o ARI de uma forma mais regular, nos eventos pequenos, com mais interação entre os sócios negros do clube, no futebol de domingo com o time do ARI, e não em eventos especiais como os bailes – os que deveriam atrair a imprensa e, conseqüentemente, o público branco.

Não quero afirmar que este contato fosse passível de conflitos, como já vimos nas falas de Raiza, que podem sim ter ocorrido. Independente da resposta sobre os pormenores, com as referidas indagações conseguimos vislumbrar quem eram as pessoas que construía este movimento, que ocorreu ao longo da segunda metade do século XX na capital paulista, no seu dia a dia.

Por fim, a última questão que quero discorrer aqui é sobre as relações que o ARI estabeleceu com a comunidade que se formava no entorno do seu clube de campo, ou seja, os bairros compreendidos no distrito do Grajaú.

Como dito entre as notas de rodapé 85 e 86, o Aristocrata, por muito tempo, patrocinou um time de futebol no Grajaú, resquício dos jogos futebolísticos que ocorriam no clube de campo na década de 1970, como vemos na imagem a seguir:

Figura 11 - Na imagem, time de futebol do Aristocrata Clube. O campo ficava localizado no Grajaú, zona sul da capital paulista. De pé, o cantor Agostinho dos Santos, terceiro da esquerda para a direita. Fonte: Revista Trip (UOL), edição digital jan/2014 (disponível em: <https://revistatrip.uol.com.br/trip/negro-e-lindo>).



O ARI formou um time de futebol com as crianças e adolescentes da região, como mostram as discussões compreendidas entre as notas citadas, além de ter oferecido a prática do basquete para o mesmo público, financiando pessoas da região para cuidar desta parte. Segundo Martha:

(...) E hoje, lá tem um pessoal que até eles tiveram aqui conosco, que faz um trabalho com a molecada, e colocou o clube, o nome do time, de Aristocrata Clube do Grajaú. (...) Então lá ainda existe essa semente, que nós deixamos essa semente. Agora nós vamos ver se a gente consegue trazer aí um... uma maneira de estar ajudando eles [sic] a crescerem, e também porque nós precisamos fazer obras assistenciais e de inclusão, isso pra nós é muito bom<sup>113</sup>.

Sobre esta relação na prática, a mesma se deu muito num campo assistencialista, como bem destacou Martha. Este elemento assistencialista também esteve presente em diversos clubes que se firmaram na primeira metade do século XX, além dos elementos culturais e recreativos<sup>114</sup> que também eram cernes de tais organizações.

Fica em evidência que os clubes não se propunham a ser espaços organizados numa luta contra o racismo, em embates diretos contra o sistema capitalista vigente, que lucram com tais violências sofridas cotidianamente pela comunidade negra, assim como tantos outros nichos sociais. A ideia desses clubes, mais uma vez, traçar um caminho panafricano para se integrar a esta sociedade, conforme explicitado na nota de rodapé nº 57. No caso do Aristocrata, acrescentou-se o poder aquisitivo neste processo.

Ao mesmo tempo, como já bem destacado ao longo deste trabalho, o ARI teve influências que ultrapassaram suas práticas, tendo tido importância na luta pela valorização da estética negra, por exemplo. A sua simples existência é um verdadeiro afronte ao projeto político da ausência, tocado pelo Estado Republicano

---

<sup>113</sup> Trecho retirado da entrevista com Martha, 2021, disponível nos anexos.

<sup>114</sup> DOMINGUES, Petrônio "Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos", Artigo publicado em 03/2007, pg. 103.

que não toma medidas para reparar historicamente este povo se, de antemão, não houver pressão para que ações sejam tomadas..

Ainda sobre o time de futebol, Leonor diz:

Aos domingos eles sempre vinham, porque eles tinham o time de futebol, tinha o time de futebol, desde o dente de leite... e ia até os velhos. E eles jogavam todos os domingos. Tinha até um senhor, o seu Benê, que já morreu também, ele até treinava os... não o dentinho, o outro... [...] E ele, ó... muitos anos naquilo, e eles tinham então esse time e eles jogavam todas as semanas. Eles vinham, chegavam-se, por exemplo, o jogo era nove da manhã, sete e meia, oito horas já estavam aqui, aí depois desse jogo acontecia outro jogo, aí tinha um churrasco, mas isso era aquele pessoal que era as esposas deles, alguns diretores que jogavam, as mulheres deles, eu ficava porque eu tinha que ficar lá, mas não era todo mundo, sabe. Que abria para... vou cobrar, não! Era um churrasco pro pessoal que jogava<sup>115</sup>.

O espaço geográfico do clube de campo foi um lugar que marcou as memórias daqueles que vivenciaram de alguma forma o clube de campo do Aristocrata. Como diz Pollak:

Esses três critérios, acontecimentos, personagens e lugares, conhecidos direta ou indiretamente, podem obviamente dizer respeito a acontecimentos, personagens e lugares reais, empiricamente fundados em fatos concretos. Mas pode se tratar também da projeção de outros eventos<sup>116</sup>.

Com isto podemos ver que existiam sim medidas do Aristocrata para dialogar com a população do Grajaú. Os resquícios até hoje se fazem presentes na região, independente das limitações que este processo possa ter tido. Certamente os passos do Aristocrata podem ser caracterizados como movimentações antirracistas, identificadas em ações políticas, culturais, recreativas e assistencialistas do clube, que fizeram o ARI ter a importância para o período histórico em que se articulou, assim como nos dias atuais.

---

<sup>115</sup> Trecho retirado da entrevista com Leonor, 2021, disponível nos anexos.

<sup>116</sup> POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. Estudos Históricos, Rio de Janeiro. volume 5, nº 10, 1992, p. 202.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*É preciso não ter medo, é preciso ter a coragem de dizer.*

(CARLOS MARIGUELLA, Rondó da Liberdade, 1939)

Ao longo desta investigação pude constatar que as organizações recreativas negras se deram em diversos espaços do território brasileiro, com propostas e formas de agir muito semelhantes, apesar de cada fagulha ter suas especificidades.

A existência do Aristocrata Clube é a prova de que existia uma segregação racial no Brasil de forma velada; o ARI foi a síntese de muitos anos de luta por direitos dentro do cenário político brasileiro.

Ele se soma a diversos outros movimentos que dialogaram com a comunidade negra de seu período histórico através de ferramentas ligadas a cultura, recreação e assistencialismo. A comunidade negra desejava se inserir na sociedade, ter poder de consumo, se fortalecer enquanto povo, desde o período pós abolição da escravidão, em 1888.

No recorte estudado, a organização foi de extrema importância para o avanço de algumas pautas do movimento negro, como o trabalho com a estética e a auto estima da população negra, a permanência e resistência em determinados espaços da cidade, como foi no centro de São Paulo diante do processo de higienização pelo qual os grandes centros urbanos passaram. Estes reflexos se deram também pelos passos da comunidade negra fora do país, que se articulou para também conseguir direitos diante do racismo estrutural.

Ao mesmo tempo, é ilusório dizer que vencemos a luta contra o racismo somente pelo fato de uma parcela da população negra conseguir ascender financeiramente – como é comum ouvirmos em algumas músicas atuais. Boa parte da população negra ainda se encontra em situações análogas com a realidade da população negra nas primeiras décadas da república no Brasil, graças ao racismo e

a lógica colonial e escravista que vigoram ainda no século XXI e limitam a vida dessas pessoas nos quatro cantos do mundo.

Analisar a experiência do Aristocrata enquanto um movimento que pautava as questões raciais em plena década de 1960 é algo que não podemos deixar de lado. O ARI tinha diálogo com diversos movimentos de seu período, estava em movimento, o que é muito interessante: como dito, relações com o TEN, com políticos do período, celebridades, músicos, com as escolas de samba, enfim.

Em meio aos diálogos, movimentos, contradições e outros termos que caracterizam o Aristocrata Clube, podemos concluir que o povo negro não pode ser colocado num modelo único de existir.

Este é um dos poucos trabalhos que se debruçou a pesquisar a história do Aristocrata Clube. Das dissertações acadêmicas que tive contato e que falaram do clube, não houve um aprofundamento sobre tal histórico. Mas acho interessante este movimento, onde esses estudos estão ganhando terreno a cada dia.

É de extrema importância para a historiografia que trabalhos do tipo sejam objetos de pesquisa. Ela já vem sendo feita por diversos historiadores, dos quais foram citados alguns ao longo desta monografia, e inúmeras perguntas ainda podem ser feitas para esses mesmos objetos. Resgatar a história de experiências que foram símbolos em seus respectivos períodos históricos é saber mais sobre nós mesmos. Como diz Peter Burke: A função do historiador é relembrar aquilo que a sociedade quer esquecer.

Devemos estudar essas experiências, afinal de contas é também a história da cidade e seus conflitos, o fruto de suas ausências e ações. Com essa retomada na segunda metade do século XX dos estudos da história política, social, da maior aceitação quanto a ampliação do conceito de fonte histórica, temos enxergado possibilidades de compreender a história a partir de outros discursos.

Se utilizando de autores que ainda enfrentam resistência diante do universo acadêmico e sua lógica eurocêntrica, buscamos com esta produção pontuar alguns elementos da história do ARI, se juntando com outros trabalhos - acadêmicos ou não

- para fazer o resgate da memória de uma experiência possibilitada pelas movimentações da população negra no século XX.

Espero que, com a divisão proposta para falar sobre a experiência da organização, seja possível compreender a importância do mesmo dentro das movimentações da comunidade negra dentro e fora da cidade de São Paulo.

A trajetória do Aristocrata foi uma continuidade de outros movimentos que, desde o final do século XIX, fizeram de espaços culturais um espaço onde a comunidade negra se fortalecia. É importante que vejamos esta trajetória, para melhor compreender os pontos em que o Aristocrata se diferenciou.

Falar sobre os diálogos territoriais que o Aristocrata estabeleceu dentro do Grajaú foi uma vereda que percorri buscando uma melhor compreensão sobre os laços - assim como suas limitações - que se faziam entre os negros de classe média e a maior parte da comunidade negra, que não usufrui do que o capital econômico traz.

Principalmente quando tratamos sobre a especificidade do clube de campo, conseguimos analisar essas relações de uma forma mais direta. É notável que, até os dias de hoje, a história do clube atravessa a região que foi palco desta experiência. Hoje o local está em processo de virar um parque linear, projeto este tocado pela prefeitura em diálogo com o Aristocrata Clube. O parque receberá o nome do ARI ao final das obras.

O recorte proposto no trabalho foi pensado, num primeiro momento, querendo tratar dos anos mais movimentados do clube, como dito ao longo do trabalho. Ao mesmo tempo, alguns acontecimentos importantes dentro desta história do clube fugiram da cronologia proposta, mas também não achei pertinente deixar de abordar tais assuntos, devido a esta vontade de fazer do trabalho uma memória sobre tal organização. Tal memória não foi muito explorada dentro do universo científico, o que fez eu me permitir mais para abordar tais pontos aqui.

Vejo este trabalho como uma possibilidade de se preservar esta memória de uma experiência não tão única, mas que trouxe a especificidade do recorte

econômico para dentro do debate racial, num contexto de sociedade de classes. Não existem dúvidas de que ainda temos muito o que aprender com a experiência do Aristocrata Clube e de tantos outros movimentos que, ao longo do século XX, ousaram, tiveram coragem de fazer, mesmo sem saber como começar.

A realização de um estudo mais amplo sobre a história do Aristocrata Clube exigiria mais tempo para uma coleta maior de fontes e o diálogo delas com uma bibliografia mais extensa. As perguntas feitas ao longo das entrevistas, assim como as personagens escolhidas para as entrevistas, certamente guiaram os passos dessa dissertação. Ao mesmo tempo, muitas outras interpretações e memórias podem nos servir de base para que se formem novos olhares sobre o ARI e seus feitos.

Penso em desenvolver tal pesquisa futuramente, em programas como o mestrado e o doutorado, relacionando com outros movimentos recreativos e culturais da comunidade negra paulistana, como por exemplo as escolas de samba, caminhos já trilhados por autores como Petrônio Domingues, mas que ainda não se esgotaram as relações de estudo e análise possíveis dentro desses estudos.

A experiência dos agentes que vivenciaram esses processos contribui diretamente para lembrar a história desta organização, de tal modo que conseguimos visualizar de forma mais viva as contradições - inerentes a qualquer movimentação, individual ou coletiva.

Entre as verdades e mentiras, trouxemos aqui uma perspectiva sobre a história do clube que levou em consideração os métodos acadêmicos necessários para a construção de um projeto científico. Mais do que isso, contou com a perspectiva de alguém que não teve contato com a história do clube a partir de vivências do meu grupo familiar ou social, mas sim por alguns resquícios do clube dentro desta região, explanados ao longo deste trabalho.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. *Indivíduo e biografia na história oral*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2000.

ALEXANDRE NADAI. *Rodas de Samba*, 2017. Renascença - Antigo reduto do movimento negro do Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://rodasdesamba.com.br/item/renascenca/>>. Acesso: 20 de Novembro de 2021.

ARISTOCRATA CLUBE. *Aristocrata Clube*, c2021. Sobre nós, Nossa História. Disponível em: < <http://www.aristocrataclube.com.br/index.php#sobre> >. Acesso: 03 de jul. de 2021.

ANDREWS, George Reid. *“Negros e brancos em São Paulo (1888-1988)”*. São Paulo: EDUSC, 1998.

AZEVEDO, Celia Maria Marinho de. *“Onda negra medo branco: o negro no imaginário das elites século XIX”*. 3ª Edição. São Paulo: Annablume, 2004.

AZEVEDO, Thalles de. *“As elites de cor numa sociedade brasileira: um estudo sobre a ascensão social e classe social e grupo de prestígio”*. Salvador, EDUFBA, 2ª ed., 1996.

BOBBIO, Norberto. *“Dicionário de política I”* Norberto Bobbio, Nicola Matteucci e Gianfranco Pasquino; trad. Carmen C, Varriale et ai.; coord. trad. João Ferreira; rev. geral João Ferreira e Luis Guerreiro Pinto Cacais. - Brasília : Editora Universidade de Brasília, 1a ed., 1998.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. *“A imprensa como fonte e objeto de estudo para o historiador”*. In: VILLAÇA, Mariana Martins e PRADO, Maria Ligia Coelho (Org.). *História das Américas: fontes e abordagens historiográficas*. São Paulo: Humanitas ; CAPES, 2015.

CARDOZO, JOSÉ CARLOS DA SILVA. *“Reflexões sobre a abordagem macro e micro na História”*. Mneme – Revista de Humanidades, 11/2010 – ago /dez.

CLUBE DE CAMPO SÃO PAULO. *Clube de Campo de SP. Sobre o Clube, nossa história*. Disponível em: <<https://www.clubedecampodesp.com.br/sobre-o-clube-nossa-historia/>>. Acesso: 20 de nov. de 2021.

CUTI (Org). *“E assim falou o velho militante José Correia Leite: depoimentos e artigos”*. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 1992.

DE JESUS, Maria Carolina. *“Quarto de despejo - Diário de uma favelada”*. série Sinal Aberto, 2001.

DOMINGUES, Petrônio “Movimento da Negritude: uma breve reconstrução histórica”. *Mediações - Revista de Ciências Sociais*, Londrina, v. 10, n. 1, p. 25-40, jan.-jun. 2005.

\_\_\_\_\_. “Em Defesa da Humanidade’: A Associação Cultural do Negro”. *Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, vol. 61, no 1, 2018, pp. 171 a 211.

\_\_\_\_\_. “Frentenegrinas: notas de um capítulo da participação feminina na história da luta anti-racista no Brasil”. *Cadernos Pagu* (28), janeiro-junho de 2007, pg. 345-374.

\_\_\_\_\_. “Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos”, Artigo publicado em 03/2007.

\_\_\_\_\_. “Paladinos da liberdade. A experiência do clube negro de cultura social em São Paulo (1932-1938)”. *Revista de História* 150 (1º - 2004).

\_\_\_\_\_. “Um templo de luz’: a Frente Negra Brasileira (1931-1937) e a questão da educação”. *Revista Brasileira de História*, vol. 13 - nº 39, set/dez de 2008.

DURÃO, GUSTAVO DE ANDRADE. INTELECTUAIS AFRICANOS E PAN-AFRICANISMO: UMA NARRATIVA PÓS-COLONIAL, IN: REVISTA TEMPO E ARGUMENTO. VOL 10 N. 25. 2018.

EDER, Klaus. “A classe social tem importância no estudo dos movimentos sociais?”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, junho de 2001.

FANON, Frantz. “Pele Negra, Máscaras Brancas”. Tradução de Renato da Silveira – Salvador : EDUFBA, 2008.

FERREIRA, Aline Cristina. "Mutação de valores e mercantilização das escolas de samba paulistanas no Capitalismo Contemporâneo". *Aurora*, Marília, v. 11, nº 1, Jan/ Jun 2018, pg. 95 - 118.

FERREIRA, Marieta de Moraes. *História oral: um inventário das diferenças*. In: *ENTRE-VISTAS: abordagens e usos da história oral / Marieta de Moraes Ferreira (Coordenação); Alzira Alves de Abreu.... [et al]*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1998.

GARRIDO, Mirian. “Militantes negros nos Estados Unidos e no Brasil: King J.R., Malcolm X e militantes brasileiros envolvidos na atuação do Movimento Negro Unificado, relações possíveis (1950-1980)”. *Revista Afro-Ásia*, 2017 nº 56, pgs. 9 – 40.

GOMES, Nilma Lino. “O Movimento Negro Educador: saberes construídos nas lutas por emancipação”. Petrópolis, RJ : Vozes, 2017.

JAMES, C.L.R. “Os Jacobinos Negros: Toussaint L’Ouverture e a Revolução de São Domingos”; tradução Afonso Teixeira Filho, 1ª ed. - São Paulo : Boitempo, 2010.

LUCA, Tania Regina de. "História dos, nos e por meio dos periódicos". In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2008, v. 1, p. 111-153.

LOPES, Nei. Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana. São Paulo : Selo Negro, 2004.

MARIGHELLA, Carlos. Portal Geledés, 2009. "Rondó da Liberdade". Disponível em: < <https://www.geledes.org.br/poemas-de-carlos-marighella/> >. Acesso: 20 de dez. De 2021.

MC's, Racionais. "Vivão e vivendo", faixa nº 2 do álbum "Nada como um dia após o outro", lançado em 2002.

MUNANGA, Kabengele. "Pan-africanismo, negritude e teatro experimental do negro". v. 18, nº 1, jun/2016, pg. 107 - 120.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. Estudos Históricos, Rio de Janeiro. volume 5, nº 10, 1992.

PORTELLI, A. "O que faz a história oral diferente". Projeto História, São Paulo, 14, Fev/1997. Tradução: Maria Thereza Janine Ribeiro.

REVISTA TRIP (UOL), edição digital jan/2014 (disponível em: <https://revistatrip.uol.com.br/trip/negro-e-lindo>). Acesso: dia 30 de set. de 2021.

SADER, Eder. "Quando novos personagens entram em cena: experiências e lutas dos trabalhadores da grande São Paulo 1970-1980". Paz e Terra, 4º Edição 2001.

SANTOS, Ynaê Lopes dos. "Além da senzala – arranjos escravos de moradia no Rio de Janeiro (1808-1850)", Hucitec FAPESP, 2010.

SECRETARIA DA CULTURA DO ESTADO DE SÃO PAULO, Prefeitura SP, 2008. Bairro de Santo Amaro. Disponível em: < [https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bibliotecas/bibliotecas\\_bairro/bibliotecas\\_m\\_z/prefeitoprestesmaia/index.php?p=3867](https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bibliotecas/bibliotecas_bairro/bibliotecas_m_z/prefeitoprestesmaia/index.php?p=3867) >. Acesso: 30 de out. de 2021.

SECRETARIA DA CULTURA DO ESTADO DE SÃO PAULO, Prefeitura SP, 2021. História da Capela do Socorro. Disponível em: < [https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/capela\\_do\\_socorro/historico/index.php?p=916](https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/capela_do_socorro/historico/index.php?p=916) >. Acesso: 30 de set. de 2021.

SILVEIRA, Renato da. "Sobre o exclusivismo e outros ismos das irmandades negras na Bahia colonial", disponível em: Formas de Crer. Ensaio de história religiosa do mundo luso-afro-brasileiro, séculos XIV - XXI. Salvador - EDUFBA, 2006, pg. 163.

SOARES, REINALDO DA SILVA. "Negra nobreza: reis, rainhas e a aristocracia no imaginário negro", 2006.

\_\_\_\_\_. "Negros de Classe Média em São Paulo: Estilo de vida e identidade negra", São Paulo, PPGAS- USP, 2004.

SONTAG, Susan. Ensaio sobre fotografia. "Na caverna de Platão", Lisboa, Dom Quixote, 1986.

REIS, João José. "Quilombos e Revoltas Escravas no Brasil". In: Revista USP, n. 28. São Paulo, CCS-USP, 1996, pp. 14-39.

TOLSTÓI, Liev. "Sombras do paraíso". Editora Record, 1994.